Director e administrador — V. GUIMARÃES

Editor-proprietario—ADOLPHO DE MENDONÇA

TYPOGRAPHIA

46, Rua do Corpo Santo, 48

Bibliotheca Magazine Popular Illustrada

Director e administrador
V. GUIMARÃES

Editor-proprietario
ADOLPHO DE MENDONÇA

Composto e impresso na typographia Rua do Corpo Santo, 46 e 48

COSMOS

VOLUME IV

1907

TYPOGRAPHIA ADOLPHO DE MENDONÇA

46, RUA DO CORPO SANTO, 48

LISBOA

SUMMARIO

Conto: *Consequencias d'um sopapo*, de H. Arnet.
Versos: *A Virgem Santissima. — Mors-Amor*, de Anthero do Quental.
Theatro: *Antonio Pedro.*
Homens celebres de todos os tempos: *Anthero do Quental.*
Os grandes paizes e as grandes cidades: *O Brazil.*
Historia e geographia: *O imperio portuguez na India. D. Francisco de Almeida.*
Charadas enigmas e acrosticos: *Varios.*
Horticultura e floricultura: *As roseiras.*
Palestra scientifica: *A Lua.*
Distracções e coisas uteis: *Sombras curiosas; um prato em equilibrio sobre uma agulha; balanças de facil construcção.*
O italiano sem mestre:
Romance: *O poeta da Rainha.*
Anecdotas: *Varias.*
Arte culinaria: *Um bello prato francez.*
Revista theatral: *Chronica semanal.*
Sport: *O «Grand Prix» do Automovel Club de França. — A substituição do alcool á gazolina. — O concurso hippico da Tapada. — Os reproductores em França. — O «raid» da Illustração Portugueza.*
Modas:
A grande encyclopedia:

No passeio d'uma rua junto do qual acabava de parar um omnibus, questionavam dois garotos. No calor da discussão, o maior ferrou no outro um tão sonoro sopapo que mais pareceu o estalo d'um chicote brandido com força. Os cavallos, assustando-se, imprimiram ao pesado vehiculo um tão violento abalo que um enorme sujeito, que no alto da estreita escada estava prestes a attingir a imperial, largou o corrimão e cahiu, assentando-se pesadamente sobre o chapeu alto d'um outro individuo, alto e magro, que subia atraz d'elle. O peso do corpulento sujeito arrastou o outro na queda com o chapeu enterrado até aos hombros. O conductor que, em baixo, debruçado sobre a borda da plataforma, recebia e verificava os bilhetes dos passageiros, amontoados e açodados para subirem em primeiro logar, recebeu dos dois sujeitos que vinham pela escada abaixo aos rebolões, um tal impulso que foi cahir de barriga sobre o grupo de passageiros. N'esta quéda perigosa, o conductor parecia uma enorme rã saltando n'um charco. O dinheiro cahiu-lhe todo da bolsa, com grande gaudio de varios garotos e mesmo de algumas pessoas que se apressaram a apanhar as moedas com o pretexto de ajudar o desgraçado conductor a recolher todo o dinheiro de que tinha de prestar contas. Ainda assim, feitas estas ali mesmo, faltaram onze francos e cincoenta e cinco centimos que não foi

possivel encontrar, porque os individuos que tão sollicitos se mostraram em apanhar o dinheiro, não o foram menos em se pôr a andar logo a seguir.

Quando as quatorze pessoas que foram ao chão em consequencia da quéda do conductor, do sujeito ventrudo e do individuo magro, se levantaram, viu-se que não havia felizmente nenhuma cabeça partida, nem perna alguma fracturada, mas apenas alguns *gallos* e grandes nodoas de lama; uma pobre mulher que cahira em cima do seu sacco, onde com outras compras havia meia duzia de ovos, reclamou perdas e damnos; mas estava de tal maneira pintalgada de amarello, branco e pardo que lhe responderam com estridentes gargalhadas e *piadas* mais ou menos espirituosas o que a fez dar uma *sorte* furiosa.

Mas não foi tudo. Os cavallos d'uma *galera* carregada de pesadas pipas, assustando-se com todo este alarido, recuaram, guinando para o meio da rua, o que fez girar bruscamente o longo vehiculo. As trazeiras varreram o passeio, deitando ao chão umas vinte e oito pessoas que ficaram gravemente contusas, e limpando por completo o mostruario d'um negociante de porcelanas. Este ultimo accidente fez projectar para todos os lados, com espantoso ruido, centenas de estilhaços que foram ferir outras pessoas e partiram muitos vidros. Um d'estes estilhaços de loiça feriu n'um olho o cavallo d'uma carroça que, enraivecido com a dôr, partiu os arreios e agitou-se tão freneticamente que os seus furiosos coices attingiram um carrinho de mão, d'uma vendedeira de laranjas as quaes voaram com o impulso e cahiram

Aos rebolões cahiu de barriga

em chuva inesperada sobre os transeuntes, com grande gaudio dos basbaques que na maioria as foram apanhando e comendo sem escrupulos.

Outros porém gritavam furiosamente ao receberem tão imprevistos projecteis o que augmentou a hilariedade das testemunhas d'esta complicada aventura. Um sujeito já velho que casualmente bocejava, apanhou com uma laranja na bocca escancarada que lhe partiu quatro dentes e, o que foi mais grave, fez-lhe engulir a dentadura; teria por certo morrido asphyxiado se lhe não accudisse um pharmaceutico da visinhança.

N'um café cuja frontaria foi feita em frangalhos, um outro individuo enguliu o charuto, tal foi a sua commoção sob a chuva de estilhaços d'um grande espelho. Felizmente o charuto estava quasi apagado. De resto, para maior segurança, o creado apressou-se a fazer-lhe engulir uma chavena de café para acabar de apagar o charuto. Para cumulo de desgraça, um patusco aproveitou-se da confusão geral para partir o vidro d'um posto de alarme de incendio e alguns minutos depois chegava com o seu material, fazendo estremecer tudo, um destacamento de bombeiros cuja apparição duplicou as difficuldades da policia, impotente para restabelecer a calma.

Entretanto, desgraçadamente, as sacudidellas violentas tinham deslocado os supportes das pipas alinhadas na *galera* as quaes começaram a rolar umas atraz das outras e cahiram no passeio.

Uma partiu-se e torrentes de vinho innundaram a visinhança. Outra rolou de encontro á multidão, es-

magando uma pobre mulher e partindo as pernas a dois individuos. Felizmente um candieiro fel-a parar na sua carreira furibunda, mas, sob a brutalidade do choque, a columna de bronze abateu sobre um cavallo que, tomando o freio nos dentes, penetrou como uma cunha na multidão espavorida.

Houve não se sabe quantos feridos, mas nem um só morto.

Uma outra pipa foi direita á loja da loiça cujo mostruario havia sido destruido e, entrando pelo estabelecimento dentro, até ao fundo, fez estragos extraordinarios, quebrando tudo quanto encontrou na sua passagem. O pobre commerciante gritava como um possesso e arrancava os cabellos com desespero, emquanto sua mulher desmaiava.

As ultimas pipas causaram felizmente menos de-

sastres, salvo uma d'ellas que semeou a desordem entre trinta ou quarenta carruagens, carroças e vehiculos de toda a especie, que tinham parado na encruzilhada, onde se passavam estes acontecimentos. Com effeito, das oito ruas que desembocavam n'esta praça relativamente pequena, foram chegando successivamente vehiculos e, dentro de pouco tempo, a circulação ficou completamente interrompida. A desastrada pipa, abalroando com um tiro de seis cavallos alinhados adeante de um carro carregado com tres enormes pedras de cantaria, provocou uma tal perturbação que logo se estabeleceu uma confusão medonha. Cavallos, carros de toda a especie, cocheiros, fardos cahidos no chão; ninguem se entendia n'aquelle cahos; cada qual gritava, puxava, gesticulava, quem mais podia, ao passo que os feridos berravam com dôres e que os basbaques, cada vez mais numerosos, augmentavam a desordem.

No grupo pittorescamente emmaranhado de todos estes carros, encontravam-se tres grandes vehiculos, cheios de enormes porcos que eram transportados para o matadoiro. Não se sabe como, as portas d'estes carros abriram-se, e os porcos, aterrados com tão grande algazarra, fugiram em todas as direcções, soltando tão agudos berros que parecia sentirem já na garganta o cutello fatal. Perseguidos de perto pelos seus conductores responsaveis, ainda mais augmentaram a confusão n'aquella balburdia enorme. Nove porcos, com as pernas partidas e quasi reduzidos a pasta pelas patas dos cavallos e pelas rodas dos carros, foram recolhidos por um carniceiro da visinhança,

amigo do proprietario. Os outros foram apanhados a muito custo e novamente mettidos nos carros que os conduziam á morte. E ainda assim, apezar de todas as buscas que duraram muito tempo, um dos porcos não foi encontrado, e não se sabe o que foi feito d'elle. E todavia não se póde admittir a hypothese de um gatuno o ter mettido na algibeira. Foi promettida uma boa recompensa a quem o achasse.

Mas quem sabe!...

De repente o commandante dos bombeiros teve uma idéa genial. Fez assestar a agulheta da bomba a vapor que estava ainda sob pressão, e um jacto d'agua irresistivel cahiu sobre os basbaques os quaes desataram a fugir sob esta *duche* improvisada.

Tornou-se então possivel acudir aos feridos, desemmaranhar os vehiculos e acalmar os cavallos. Pouco a pouco foram-se affastando os carros que nada tinham soffrido, e a policia, já em numero sufficiente, tomou as embocaduras das ruas. Então uma agitação de novo genero succedeu á desordem geral que tanto tempo leva a contar e que afinal não durou mais que cinco minutos.

O resultado final foi sessenta e quatro autos, dezesete prisões, das quaes cinco foram mantidas, duas mortes em consequencia dos ferimentos, noventa e oito feridos, dos quaes trinta e tres gravemente, sem contar mais d'uma centena de curiosos com leves contusões que se trataram em suas casas ou nas pharmacias visinhas. E, finalmente, dois cavallos foram abatidos, porque tinham as pernas partidas.

O dono do café e, sobretudo, o commerciante de

loiça, foram os que mais soffreram materialmente. O negociante de vinho tambem teve uma importante perda. Dezesete pessoas queixaram-se de terem sido roubadas durante os poucos minutos que durou a balburdia, por audaciosos gatunos, dos quaes apenas um foi preso.

E dizer que todas estas desgraças provinham d'um simples sopapo trocado entre dois garotos que, escusado é dizel-o, tinham desapparecido desde o começo da desordem!

H. Arnet.

A' Virgem Santissima

(Cheia de graça, mãe de misericordia)

N'um sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizivel anciedade,
E' que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só de perdão, só de ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

O' visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

ANTHERO DO QUENTAL.

Mors-Amor

Esse negro corcel cujas passadas
Escuto em sonhos quando a sombra desce,
E passando a galope me apparece
Da noite nas phantasticas estradas,

D'onde vem elle? Que regiões sagradas
E terriveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavalleiro de expressão potente,
Formidavel mas placido no porte,
Vestido de armadura reluzente,

Cavalga a fera estranha sem temor,
E o corcel negro diz: «Eu sou a Morte!»
Responde o cavalleiro: «Eu sou o Amor!»

Anthero do Quental.

Antonio Pedro

INICIANDO n'este numero uma serie de pequenas biographias dos actores portuguezes, cabe o logar de honra ao grande actor Antonio Pedro, fallecido a 23 de julho de 1889, e ainda, como sempre, lembrado

Antonio Pedro

pelas suas notaveis aptidões para a scena, o que lhe deu fóros de primeiro entre os primeiros.

Não era um actor instruido, era um actor de genio. Sob aquella apparencia modesta, rude por vezes,

brilhava intensamente a chamma do genio, como que uma incarnação da arte, que n'elle não foi preciso educar. Era um talento natural de primeira grandeza e talvez que, se a instrucção n'elle fosse cuidada, lhe traria o artificio, a falsa comprehensão da vida, esta quasi hypocrisia social em que vivem aquelles que moldam os seus actos pelas conveniencias e pelo apparato.

Era, o actor, pode dizer-se, como o camponez rude, sem instrucção, batido pelo sol puro dos campos, sincero, de alma aberta na luz de uma intelligencia clara. Só assim pôde Antonio Pedro realisar em scena a verdade, fazer vibrar as platêas que para elle não estavam divididas em camadas, porque sempre as commovia, ou ellas tivessem a alma apaixonada do povo ou o espirito estudado dos mais instruidos. Dominava-as pouco e pouco, sob a suggestão do seu temperamento excepcional, arrastando-as em uma especie de fascinação que subjugava.

E' longa tarefa dizer o que foi a sua carreira de triumphos desde os seus 17 annos, em que Antonio Pedro trabalhou como amador ou curioso, e logo a seguir no *Theatro das Variedades* da rua do Salitre, ha já muito extincto, como profissional,—que os emprezarios de então, como hoje, não deixavam dormir no socego das sociedades particulares os que tinham habilidade para a scena.

Pois desde esse momento, a vida de Antonio Pedro, quer em personagens novos, por elle creados, quer em substituições de outros artistas, mostrou a maior energia de talento, como quando logo no principio

da sua carreira, substituiu o actor Izidoro no referido theatro, no papel de Abdallah, da «Loteria do Diabo», e que fez com tal exito, que deixou esquecido aquelle seu collega. O grande destaque do seu talento fez-se entretanto, sob a direcção do celebre actor José Carlos dos Santos quando foi dirigir as «Variedades».

Ao seu ensaiador se affeiçoou Antonio Pedro e com elle trabalhou sempre, até que a doença impossibilitou o amigo de pisar a scena que tanto tinha honrado.

O reportorio de Antonio Pedro era immenso, e sem selecção de genero: tanto desempenhava os papeis mais intensamente dramaticos, como os comicos, a que imprimia uma graça verdadeiramente sua. E assim no *João o Carteiro, Herdeiros do Millionario*, *Solteirões, Vida de um rapaz pobre, Abysmo*, *Falsos viciosos, Por causa de uma carta*, *Flôr de chá*, *Marion Delorme*, *Juiz*, *Louco d'Evora, Mosca Branca*, *Sabichões*, *Tartufo, Condemnado*, e outras peças, contou o numero de recitas pelos triumphos. Ha ainda quatro peças em que o nome do grande actor vive na memoria de todos: *O Paralytico*, assombrosa creação, *O Sargento mór de Villar*, no papel de *De profundis*, extraordinario personagem realisado com suprema realidade, o *Hamlet*, no papel do *Coveiro* em que depois d'elle, tropeçam os maiores actores, e o *Bébé*, no papel de professor, typo de um comico irresistivel, a antithese absoluta dos tres personagens precedentes e que ninguem ousou imitar.

Tinha 53 annos quando morreu, gasta a vida em tantos trabalhos que lhe precipitaram a morte, porque não será possivel fazer estremecer uma plateia, dominal-a com uma mesma phrase e uma só attitude, sem viver a vida da verdade, e portanto sentir tambem intensa e fundamente.

Quando Cocquelin Ainé, o celebre actor francez, veiu a Portugal e viu no theatro de D. Maria o *Hamlet*, maravilhado pela interpretação do *Coveiro* cuja philosophia e despreoccupada descrença Antonio Pedro traduzia de uma maneira assombrosa, correu emocionado ao camarim do genial actor a dizer-lhe, que aquelle personagem assim interpretado faria a reputação de um artista em qualquer theatro do mundo. E o actor não se envaideceu; encolheu os hombros, na sua grande modestia e em uma quasi ignorancia do seu proprio talento, disse a phrase do costume em tantas occasiões: *calhou*.

Homens celebres de todos os tempos

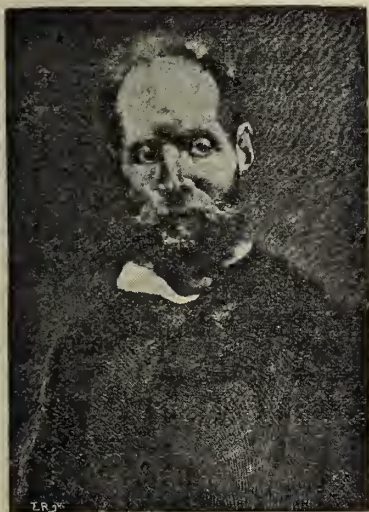
Anthero do Quental

A individualidade de Anthero de Quental occupa uma situação muito especial e deveras singular na nossa litteratura. Poeta, poucos o tem sido como elle, pelo requinte da fórma sem exagero apparente, pelo impressionante acento de sinceridade e pela amplitude do pensamento; philosopho, muito menos ainda terão disposto de uma intelligencia mais sinthetica e d'um poder elaborador de ideias geraes tão vasto; prosador, possuia as mais ricas e genuinas qualidades da lidima elocução portugueza; sociologo, dotava-o um largo criterio intuitivo e uma admiravél visão prophetica. Era um espirito raro, com propensões aristotelicas, em tal sentido o mais completo do seu tempo; mas era tambem, superior a isso, um nobre exemplar de stoico, que irradiava de si uma intensa luz moral. E este foi o motor principal do seu alto prestigio.

A vida, — que esse pessimista raramente amaldiçoava, devido á bella concepção naturalista que adquirira da sua belleza, — era para elle um fardo penoso. A doença phisica martyrisava-o cruelmente, ao mesmo tempo que as torturas indiziveis do pensamento

puro lhe arregaçavam constantemente a alma, com os seus dedos de fogo, n'uma contricção dolorosissima. De quantas amarguras tragicas foi feita a sua corôa de soffrimentos, ninguem saberá jámais dizel-o ao certo. Os seus proprios versos, distilando muitas vezes sangue e lagrimas, são apenas uma incompleta amostra das cruciantes provações e das infindaveis melancholias da sua triste existencia. Anthero deixou-se morder fundamente por essa terrivel e irremediavel doença do tedio da vida, conhecida já nas velhas civilisações, que se afinaram nas subtilezas da arte e da especulação, e se dissolveram na molleza dos gozos materiaes; rediviva, mais aggravada, na nossa época de pavorosas incertezas e de desoladoras negações. O budhista, que na abstenção contemplativa do Nirvana procurou em vão entender a palavra misteriosa do atman, comprehensiva de toda a sabedoria humana e talvez divina, voltou-se afinal, descorçoado e desilludido, para o scepticismo, clausurando-se em um supremo desdem de todas as coisas transitorias, e por fim da propria vida. Outro amargo poeta italiano da sua familia intellectual, o lugubrissimo Leopardi, perguntava antes: «Nostra vita a che vale? Solo a spreziarla». Anthero, por sua vez, de tanto a desprezar, acabou um dia por abandonal-a voluntariamente, e sereno como um crente e despreoccupado como um heroe, entrou na mudez da morte que elle imaginara

.... mais rutilante
Na sua noite, do que a luz do dia,

levando nos labios aquelle mesmo dôce sorriso de olympica indifferença, que representou, de uma fórma tão commovente, o ultimo occaso da ultima tristeza no seu rosto calmo de pensador.

Anthero do Quental

*

Anthero de Quental nasceu em Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, a mais importante dos Açores, em 18 de abril de 1842. As condições ethnicas particula-

res do meio insular, reveladas em varias circumstancias historicas e nas notaveis personalidades açorianas, bem como factos de hereditariedade ou atavicos da sua familia, illustre na genealogia local — os quaes não poderiamos destrinçar aqui — explicam em grande parte as superiores qualidades mentaes precoces e depois ainda a psychologia complexa, e mesmo contradictoria, do extraordinario poeta.

Em seguida aos seus estudos preparatorios, realisados em Ponta Delgada e em Lisboa, Antheró foi para Coimbra bacharelar-se, acabando ahi o seu curso em 1864, e publicando durante o periodo de 1860 a 1865 varias poesias e artigos em prosa nas revistas academicas e os seus primeiros livros. O facto mais saliente d'essa primeira época da sua vida litteraria foi a famosa polemica conhecida pelo nome de «questão coimbrã». Anthero e Theophilo Braga, revoltaram-se audaciosamente contra o primado de Castilho, considerado, então, o grande epigone das nossas lettras, o *sacerdos magnus* que ungia os neophytos sob a olaia classica. O opusculo *Bom senso e bom gosto*, que abriu a referta, e o que se lhe seguiu intitulado *A dignidade das lettras*, são bastante conhecidos como, em regra, a maior parte da larga série de publicações avulsas realisadas por essa occasião.

Anthero do Quental affirmara, porém, o seu valor poetico, de uma fórma bem indiscutivel, nas *Odes Modernas*, cheias de ardente enthusiasmo revolucionario; e os proprios que não lhe perdoavam o arremesso iconoclasta, e se defendiam de commungar a

hostia da Razão e da Sciencia, — como então diziam os innovadores, sem perceber o ridiculo da amplificação — não podiam, comtudo, contestar o talento de excepção que os versos revelavam. Seguiu-se a phase socialista da vida de Anthero, com os combates das conferencias do Casino e das eleições em que o poeta se apresentou como deputado do partido operario, que se afadigava a organisar com José Fontana. O pensador idealista, o philosopho, supunha-se capaz de ser tambem um homem de acção, e construia, na sua mente, sistemas sociaes e politicos, que a imaginação lhe corporisava e a illusão fazia parecer-lhe reaes. Um dia surgiu-lhe clara porém, a inutilidade do seu esforço, e decerto tambem a inanidade das suas aspirações humanitarias; desde esse momento, elle proprio fez justiça, reconquistado o espirito critico, aos sonhos ingenuos de nephelibata que sonhara.

*

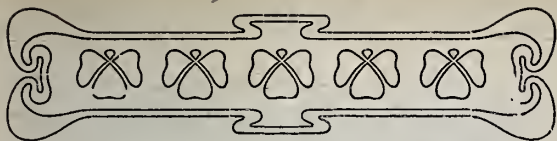
Em uma carta escripta ao allemão Storck, que é uma curiosa autobiographia do poeta, embora não despida de erros, Anthero explica, como ella se lhe afigurou, a evolução do seu espirito e todas as phases cyclicas do seu pensamento. Não cabe aqui o estudo d'este documento como não cabe tambem a bibliographia completa da obra de Anthero do Quental. Apenas tivemos, mesmo, espaço para salientar os topicos mais notaveis da sua biographia.

Clausurado em Villa do Conde, isolado como um mysanthropo, — que era na realidade em muitos dias,

— absolutamente surdo aos ruidos monotonos da vida exterior, Anthero viveu durante muitos annos, póde dizer-se, apenas a sua vida interior. Foi então que colleccionou os *Sonetos*, e facetou a maior parte, e começou a construcção do seu testamento philosophico, cuja unica parte realisada saíu na *Revista de Portugal*, só restando nos seus papeis um resto de esboço informe. A primeira edição do livro dos *Sonetos* publicou-se em 1886 e seria certamente ocioso fazer aqui o elogio d'esse precioso relicario de incomparaveis versos e dos mais elevados pensamentos poeticos e moraes. A sua belleza é superior á das poesias de Sully-Prudhomme.

Infelizmente, parece que o grande poeta, fechando, na ultima folha do assombroso livro, o seu coração «nas mãos de Deus», quiz simbolisar, n'essa mystica ironia, alguma intenção bem dolorosa, como a do moço genio grego que apaga no chão o seu archote — que era o pensamento.

Regressou a S. Miguel, e na terra onde nascera, por uma manhã, sentou-se defronte de um grupo de arvores annosas, e desfechou dois tiros de revólver na bocca. N'essa manhã, que foi a de 11 de setembro de 1891, um dos mais nobres e puros espiritos, uma das mais formosas intelligencias que a humanidade tem produzido, entrou assim no mysterio tenebroso do *não ser*, que tanto o atormentara e seduzira.

Onorate l'altissimo Poeta!

Os grandes paizes e as grandes cidades

O Brazil

A cidade do Rio de Janeiro soffreu nos ultimos annos uma tão radical transformação que difficilmente a reconhecerá quem a tiver deixado ha algum tempo. O velho Rio, de ruas estreitas, tortuosas e acanhadas, quente e doentio, desappareceu quasi inteiramente para dar logar a uma cidade moderna, de largas e magestosas avenidas, arborisadas, sobrelevando a todas a Grande Avenida Central que vem entroncar na Avenida Marginal. Como por encanto, tudo se transformou. O calor suffocante dos mezes de dezembro e janeiro é attenuado pela viração da barra, entrando livremente na cidade e a febre amarella, terrivel espectro dos emigrantes, tende a desapparecer completamente em presença da combinação das novas e excellentes condições hygienicas do meio com um conjuncto de medidas prophylaticas sabiamente meditadas e pertinazmente executadas. Ficaram, é certo, bastantes ainda das antigas ruas estreitas e tortuosas, mas até n'estas se modificaram as condi-

ções de vida, porque participam tambem do beneficio da ventilação geral e franca que a transformação determinou.

O Rio é uma cidade extraordinariamente animada e movimentada desde as 8 horas da manhã ás 7 da noite. A circulação de trens e vehiculos de toda a a especie é collossal. As varias companhias que exploram a viação publica empregam n'esse serviço carros electricos, automoveis e de tracção animal. Da concorrencia entre ellas resulta a barateza das carreiras e os esforços de cada uma para bem servir o publico e supplantar as rivaes.

O movimento de gente é enorme; n'um typico pêle-mêle, politicos, caixeiros, janotas, escolares, militares, negociantes, industriaes, burocratas, etc., cruzam-se e acotovelam-se nas ruas n'uma febre de actividade que denuncia um povo novo, cheio de vida e aspirações, caminhando rapidamente na senda do progresso e da civilisação.

A's 7 horas da noite, porém, toda essa multidão desapparece quasi por completo. Uns recolhem a suas casas a procurar no seio da familia o repouso das lidas do dia, outros vão para o theatro espairecer, afugentar preoccupações do futuro incerto da sua vida de trabalho constante.

No Rio ha os theatros Lyrico, Apollo, Variedades, Lavradio, Eden, Sant'Anna, Recreios e S. Pedro e na Avenida Central está em construcção o Theatro Normal.

O divertimento favorito da população fluminense é, porém, as corridas de cavallos, genero de *sport* que

S. João de El-rei

tem o condão de enthusiasmar até á loucura que se manifesta em apostas fabulosas.

No Rio de Janeiro ha notaveis e bellos edificios publicos e particulares, como o dos Correios, o da Bolsa, os palacios de S. Luiz e do Catete e conta monumentos de alto valor artistico, como a estatua de D. Pedro I, no Rocio, cuja gravura publicamos no numero anterior, e o magestoso templo de Nossa Senhora da Candelaria, de estylo architectural, imponente e de extraordinaria riqueza.

O porto do Rio de Janeiro é um dos melhores e mais bellos do mundo. E' uma vastissima bahia, semeada de ilhas separadas por canaes d'uma belleza incomparavel pela vegetação luxuriante que cobre a terra. O accesso da formosissima bahia faz-se por uma relativamente estreita abertura entre as fortalezas de Santa Cruz e S. João, avistando-se de muito longe, do mar largo, os dois culminantes môrros, chamados Pão de assucar e Corcovado que dominam a paisagem imponente. O cume d'este ultimo sobresáe a maior parte da vezes acima das nuvens e pela encosta serpenteia um *funicar*. Esta linha ferrea, assim como a que rodeia a serra de Friburgo, a de Mendes, a de Mantiqueira e a do Cubatão são trabalhos grandiosos que muito honram a engenheria brazileira.

A cidade do Rio tem formosissimos arredores, pontos de vista surprehendentes, bellos passeios, como Copacabana, Gavea, Tijuica, Laranjeiras, etc.

E' na capital da grande republica sul americana, que reside o maior numero de portuguezes que na sua maioria são negociantes e capitalistas riquissimos.

Entre elles e os brazileiros ha relações de intimidade que estes não mantem com os outros estrangeiros. Os portuguezes são quasi considerados como nacionaes pelo uso da mesma linguagem, pela semelhança de costumes e tendencias, pela harmonia do sentir e do pensar. Os dois povos conservam assim as tradicções da antiga e sincera amizade e fraternidade que os une, uma vez por outra, apenas, perturbadas por ligeiras nuvens que logo se dissipam

O estado do Rio de Janeiro é pequeno, mas o seu commercio é enorme. N'ella fica a cidade de Petropolis, de construcção moderna, optimas condicções hygienicas, temperatura muito agradavel e muito boa agua. E' n'essa cidade que residem os embaixadores e ministros estrangeiros acreditados junto do governo da republica.

Cidade de S. Paulo

Além da capital federal, muitas são as cidades importantes do Brazil, como S. Paulo, Bahia, Pernambuco, etc. Destaca-se, porém, entre todas a cidade de S. Paulo, capital do estado do mesmo nome, a cidade do luxo, como lhe chamam os brazileiros. Com effeito, é S. Paulo uma cidade grande, lindissima, apparatosa e muito accidentada na qual a população abastada passa uma vida aristocratica, cercada de todos os confortos e commodidades.

O commercio e a industria são muito importantes. A cidade está situada no alto da serra do Cubatão; as suas condicções climatericas são más em consequencia das mudanças bruscas da temperatura e do

estado da atmosphera. E' vulgar a successão no mesmo dia do frio, humidade e alguns chuviscos e um grande calor e tempo secco e vice versa, mas são tão boas as condicções hygienicas, tanto o confôrto, que o paulista nem sequer sente a inconstancia da sua atmosphera.

S. Paulo é servida por varias linhas ferreas: a do Norte que a liga ao Rio de Janeiro, a Ituana, a Mugiana, a Surocabana e a ingleza. São as mais importantes vias ferreas do Brazil.

A cidade de S. Paulo é tão rica, tão importante o seu commercio de café que a via ferrea que a liga a Santos, seu porto de mar, apezar de trabalhar de dia e de noite, foi declarada de capacidade de trafego insufficiente.

Abriu-se então um outro leito e estabeleceu-se outra linha e ainda assim trabalham agora as duas de dia e de noite ininterruptamente. E' uma obra grandiosa a construcção d'esta linha. Na serra do Cubatão, cheia de arvoredo completamente cerrado n'uma extensão de algumas leguas, estão assentes os dois leitos d'essa linha chamada Ingleza que ora se sómem sob o arvoredo densissimo, ora ligam essas abruptas elevações atravez de pontes gigantescas suspensas sobre abysmos profundissimos. O panorama é tudo quanto se póde imaginar de mais encantador, mais imponente.

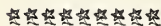
A viagem faz-se saindo de S. Paulo n'um comboio ordinario que atravessa velozmente o planalto da serra, parando no começo da encosta. Ahi a machina retira e é substituida por uns cabos que ligam as carruagens

ao elevador e assim se desce o contraforte da serra com paragem em duas estações onde os cabos são substituidos. A manobra dos cabos não dura mais de dois minutos.

No sopé da montanha são os cabos novamente substituidos por uma machina que reboca o comboio até Santos. Esta cidade é o porto mais commercial do estado com um magnifico caes, denominado S. Vicente, onde os vapores acostam e recebem dos vagons as mercadorias, das quaes o café attinge a cifra de alguns milhares de arrobas por dia.

A cidade é porém feia e sobretudo muito doentia. Alguns milhares de compatriotas nossos teem ali sucumbido. Quasi ao nivel do mar, sobre um terreno no qual se encontra agua a um metro de profundidade, quer dizer, construida sobre um pantano é quasi impossivel combater a sua insalubridade. O systema de esgotos, é n'estas condicções, bastante imperfeito. Duas poderosas machinas a vapor, em dois pontos da cidade, fazem esse serviço, mas mal.

No estado e principalmente na cidade de S. Paulo reside uma numerosa colonia italiana. Quasi se não ouve outra lingua.

No interior do estado ha algumas cidades bonitas, como Campinas, Surocaba, Taubaté, S. Carlos do Pinhal e outras.

HISTORIA E GEOGRAPHIA

O imperio portuguez na India

D. Francisco de Almeida

O primeiro vice-rei da India era um general experimentado, politico e diplomata finissimo, era um homem justo, generoso, sensato e d'um desinteresse a toda a prova. A escolha de D. Manoel foi pois acertadissima e, na verdade, o nome de D. Francisco de Almeida resplandece com vivo fulgor, logo apoz o de Affonso de Albuquerque, na historia da India portugueza.

Quando foi nomeado para o vice-reinado da India, D. Francisco de Almeida tinha já uma vida publica brilhante. Distinguiu-se muito na batalha de Toro, e, reconhecido como um dos homens mais instruidos e talvez o mais da côrte de D. Affonso V, foi escolhido por este monarcha para annunciar a sua visita a Luiz XI e dispôl-o a favor da sua causa.

No reinado de D. João II serviu na guerra de Granada em cujo cerco se distinguiu extraordinariamente, e, querendo os reis catholicos recompensal-o largamente, não acceitou coisa alguma.

O principe perfeito considerava-o altamente, e tanto que o tinha escolhido para commandante da es-

quadra que devia impedir os descobrimentos de Christovão Colombo, empreza que o tratado de Tordesillas tornou desnecessaria.

Seguiu D. Francisco de Almeida com uma esquadra de 30 velas para a India, onde chegou, depois de ter reduzido a vassalagem a cidade de Mombaça, na costa oriental de Africa, muito a proposito para n'uma gloriosa batalha naval destruir a armada do *samori* de Calicut e socorrer Lourenço de Brito, cercado em Cananor por forças muito superiores. O vice-rei impôz-se d'esta fórma, logo á chegada, ao respeito dos indios, mostrando-se tão habil general no mar como em terra.

D. Francisco de Almeida entendia, porém, que um imperio com dominios em terra em tão longiquas paragens, era empreza superior ás forças de metropole tão pequena e era por isso contrario á multiplicação de fortalezas em terra, sendo sua opinião que Portugal se devia limitar ao dominio do Mar Indico, mantendo alli forças maritimas importantes. Affonso de Albuquerque era de outra opinião e fundou o imperio da India, e, se para este se manter seria necessario que todos os governadores e vice-reis da India tivessem o genio de Albuquerque, o systema de exploração commercial, inaugurado por D. Francisco de Almeida, estava á mercê do primeiro desastre naval soffrido pelos portuguezes e, para ser duradoiro, seria tambem necessario que todos os vice-reis do Mar Indico tivessem a sagacidade, sensatez e firmeza do primeiro vice-rei, para conservarem a amizade dos indios contra as intrigas dos mouros e obrigarem

os seus subordinados a manter sempre nos negocios commerciaes a mais completa lisura e lealdade.

Além d'isso, o systema de D. Francisco de Almei-

D. Francisco de Almeida

da cahiria de per si, logo que á India chegassem as esquadras de outras nações da Europa, o que fatalmente havia de succeder dentro de pouco tempo, emquanto que o imperio fundado por Albuquerque resistiu por muitos annos ás investidas dos hollande-

zes e ainda hoje restam nas nossas mãos uns gloriosos farrapos d'esse enorme poderio.

D. Francisco de Almeida fundou, todavia, em Cochim, uma fortaleza que foi a primeira *étape* do futuro e grandioso imperio portuguez na India. Energico e de uma rectidão inabalavel seguiu sempre o seu caminho direito, dominando as intrigas dos seus subordinados mantendo a disciplina e luctando com as malquerenças e desconfianças da côrte. D. Manuel tinha o mau séstro de escutar os que na sua ante-camara ficavam a intrigar contra aquelles que partiam para a India a honrar a sua patria e a servil-a e passava o tempo a levantar-lhes mil contrariedades e até a manifestar-lhes desconfiança de que abusassem em detrimento d'elle dos poderes que lhes outhorgara. Por isso não reconduziu no governo da India, nem D. Francisco de Almeida, nem Affonso d'Albuquerque e só mediu bem as proporções da estatura moral d'estes dois grandes homens depois que elles morreram.

O primeiro vice-rei tinha-se feito acompanhar de seu filho D. Lourenço de Almeida que, assemelhando-se muito a seu pae nos dotes de intelligencia e caracter, era todavia muito joven, faltando-lhe a experiencia necessaria para commettimentos de maior importancia e responsabilidade. Na sua cegueira de pae, não attendia a isso D. Francisco e confiava a seu filho commissões de responsabilidade e importancia, como o commando de esquadras, collocando sob as suas ordens homens edosos e encanecidos nos combates e nas luctas contra os elementos. O resul-

tado foi que D. Lourenço, commandante da esquadra do norte, desprezando como provas de fraqueza indignas do seu valor pessoal as mais elementares regras de estrategia, acceitou batalha em Chaul a uma armada turca e foi derrotado e morto.

O abalo que D. Francisco de Almeida soffreu com a noticia da morte do filho, foi tão profundo que lhe modificou completamente o caracter.

A vingança foi d'ahi em deante a sua ideia dominante e tudo a ella sacrificou. Chegando por essa occasião á India Affonso de Albuquerque para o substituir, D. Francisco d'Almeida pediu-lhe que o deixasse estar no governo até vingar a morte do filho. Albuquerque accedeu e até se offereceu para servir sob as suas ordens, o que o vice-rei recusou. Sahindo de Cochim com uma poderosa armada em demanda de Mir Hussein, commandante da esquadra turca, passou como um flagello em Dabul, levando tudo a ferro e fogo, e, avistando por fim, em Diu, os navios turcos, destruiu-os completamente n'uma batalha renhida e formidavel, que é um dos mais gloriosos feitos da historia portugueza na India.

Voltando victorioso a Cochim. sem que a victoria lhe tivesse modificado o azedume e o nervosismo que o dominava desde a morte do filho, deu ouvidos ás intrigas de alguns capitães que se arreceiavam da firmeza e ferrea disciplina de Albuquerque e negou-se a entregar-lhe o governo, chegando mesmo a mandal-o prender. Entre estes dois grandes vultos travou-se então uma questão triste e mesquinha, de que, diga-se a verdade, era culpado D. Francisco de Al-

meida, e que teria tido sérias consequencias para o prestigio do nome portuguez, se n'essa occasião não chegasse do reino uma esquadra commandada por D. Fernando Coutinho, que pôz termo á contenda.

De volta a Portugal, D. Francisco de Almeida desembarcou no Cabo da Boa Esperança e morreu n'uma escaramuça d'uma azagaiada d'um preto.

Assim terminou a carreira gloriosa do vulto mais eminente, depois de Affonso de Albuquerque, da historia portugueza na India.

Charadas, enygmas e acrosticos

CORRESPONDENCIA

Gerimulhe. — Com todo o gosto acceitamos e agradecemos.

Dperofer. — *Artelos* ao contrario é — *soletra*; logo quem *soletra le,* invertido faz *el.* Com certeza não encontra em diccionario algum por ser um *truc* charadistico.

Fausto Neves. — Recebemos. Póde mandar as producções musicaes.

AVISO

As decifrações do n.º 3 publicar-se-hão juntamente com as do presente volume no proximo numero.

Enygmas

54

Tinha Titan uma filha, que amando ternamente *Tithon casou com elle.*

Porém, um *dia*, foram os dois transportados nas azas d'uma *borboleta* que os levou para o *Oriente.*

Elle morreu e ella coitadita, desgostosa e perdida a *mocidade*, agora, só apparece qual *cometa,* antes do *crepusculo da manhã.*

N'um celebre *quadro de Guido,* que existe em Roma, se representa esta *divindade.*

(Alejoal)

TYPOGRAPHICOS.

55

NOTA 5 NOTA NOTA NOTAS

(Gambetta).

*

56

(A Alejoal)

Tecido nota u preposição hesita animal D 0 afflicção

(Gambetta).

*

57

NOTA NOTA ENGENHO

(Gambetta).

*

58

NOTA
FENDA

(Gambetta).

*

59

$\frac{\text{Appellido}}{\text{K}}$ 500 virtude Affonso XIII Ro EE Pto 500

instrumento U

(A7 de Paus).

*

60

444 9999 FÓRA
9999 FÓRA
FÓRA

(Gambetta).

DE PALITOS.

61

Tirando 10 palitos fica um animal.

(De «Cesar»).

POR INICIAES.

62

D	D	B	M	C	A	R
2	1	2	2	3	1	2

(Golias).

ANAGRAMMA.

63

Posso *provar* que, qualquer *instrumento vibra* melhor, *no periodo mais ingenuo da vida.*

(Alejoal).

ACROSTICO.

64

* * * A *

* A * * * *
* * L * * *
* * * M * *
* I * * * *
* * * * * N *
* * H * *
* * * A * * * *
* * * * * * * S *

Corpos chimicos

(Os 2 ripis).

Charadas

TRUNCADAS.

65

Com ruido fica accesa. — 4.

(Os 2 ripis).

*

66

O arremesso é exame. — 2.

(Gambetta).

EM PHRASE.

67

Nota, vocifera e solicita. — 1-2.

(Gambetta).

*

68

E' inconsiderado no coro, como qualquer sachristão. — 2-1.

(Alejoal).

BISADA.

69

3—Esse trabalho é feito por *ti*?
Que horrendo!... — 2.

(Alejoal).

ELECTRICA.

70

Planta e destino. — 2.

(Gambetta).

ADDICIONADAS.

71

Raça
— ca —
Cachoeira

(Golias).

72

Apanho
—e—
Este animal

(De «Cesar»).

CRESCENTES.

73

Eu — não sei como te — essa coisa na —.

(De «Cesar»).

*

74

O — foi á — comprar uns —.

***

AUGMENTATIVA.

75

O appellido é terra portugueza — 2.

(Os 2 ripis).

MAÇADA LYRICA.

76

E:DEI MAL AS BARCAS
OPERA

(Pintakzas)

PERGUNTAS GEOGRAPHICAS.

77

Qual é a terra portugueza que, trocando-se-lhe uma vogal fica uma dôr nas pernas?

(Dperofer).

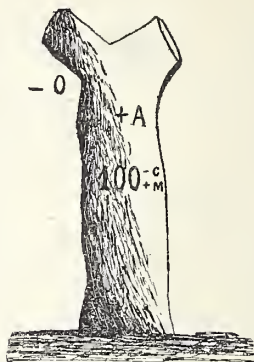
*

78

Qual é a terra em que a dôr não é bôa sendo verde?

(Açnarepse).

ENYGMA PITTORESCO

79

(Os 2 ripis).

Roseiras

Desde a mais remota antiguidade é a rosa objecto de especiaes e delicadas attenções. Os romanos consagravam um verdadeiro culto a esta flor que figurava em todas as suas festas e nos seus mais lautos banquetes. .

A rosa é a rainha das flores. O córte e a disposição das pétalas realçam o conjuncto n'uma elegancia de fórma inexcedivel. A diversidade de colorido, a profusão de matizes das innumeras especies e variedades, o aroma suavissimo, marcam á rosa um logar primacial em todos os jardins.

Um jardim sem rosas seria o mesmo que uma mesa sem pão e as rosas, só por si, pódem constituir jardins encantadores.

Nos tempos modernos tem sido extraordinariamente aperfeiçoada a cultura das rosas; os floricultores, empregando os diversos meios de reproducção das plantas, teem obtido soberbos exemplares d'uma rara belleza. A roseira presta-se e corresponde gentilmente aos esforços dos apaixonados. Dá-se bem em quasi todos os terrenos, reproduz-se e cruza-se com facili-

dade. São-lhe comtudo mais gratas as terras ligeiras, permeaveis e calcareas.

A roseira deve ser enterrada apenas a 8 ou 10 centimetros acima do collo das raizes, em terra préviamente bem caváda, remexida, convenientemente adubada e regada. No fim do inverno póda-se, e todos os annos, pela primavera, deve-se-lhe fazer uma cáva em volta do pé.

E' extraordinaria a variedade das roseiras hoje existentes, prestando-se maravilhosamente a differentes systemas de ornamentação.

As especies sarmentosas, trepadeiras, empregamse a revestir muros ou a formar deliciosos caramanchões. Uma das mais bellas d'esta especie é, sem duvida, a *Turner's Crimson Rambler*, importada do Japão por Carlos Turner. A flôr é de tamanho médio, d'um carmesim muito vivo. Roseira vigorosa e rustica, a sua folhagem abundantissima apresenta uma bellissima côr verde sobre a qual realça com magnifico effeito o carmesim da flôr. Floresce abundantemente; as flores, partindo de differentes pontos do mesmo ramo, juntam-se em esplendidos *bouquets*.

A roseira *Marechal Niel*, branca, é tambem uma bellissima planta, de maravilhoso effeito no revestimento de muros ou caramanchões. A flôr é muito grande, cheia, d'um branco lindissimo e delicioso aroma. A vegetação é vigorosa, a folhagem muito abundante e d'um verde muito vivo.

Algumas especies sarmentosas podem tambem armar-se em chorão, apresentando então um aspecto magnifico.

A roseira *Madame de Sancy de Parabère* é uma das mais bellas variedades para este effeito. A

sua flôr é grande, cheia e d'uma magnifica côr de rosa.

E' tambem muito recommendavel a *Bella de Baltimore*, cuja flor é de tamanho médio, cheia e de côr branca com tons amarellados, e ainda a *Malton*, tam-

bem de tamanho médio e cheia, mas d'uma bella côr vermelha escura purpura.

As roseiras *chá* são muito apreciadas, principalmente pela sua longa florescencia, que se conserva durante o inverno Ha variedades que são trepadeiras e outras que o não são. D'estas, uma das mais bellas é a *Archiduqueza Maria Immaculada,* cuja flôr, de uma regularidade e perfeição inexcediveis, é muito grande, cheia, de aroma delicioso e d'uma côr de tijolo um pouco claro com tons de cobre brilhante e, no centro, d'um vermelho claro muito vivo. Outra roseira chá lindissima é a *Princeza Julia d'Aremberg*, trepadeira; dá uma flôr grande, cheia, de côr amarello claro, com tons escuros e, no centro, amarello muito claro com tons esverdeados. A *Perola de Lyon* não é trepadeira; produz uma flôr d'uma rara belleza, muito regular e perfeita, cheia, grande, de côr amarella carregada e aroma suavissimo.

Ha uma especie de roseiras, roseiras Polyantha, plantas anãs, mas vigorosas, sempre em flôr, que são muito apreciadas e muito empregadas em bordaduras. A variedade que tem o nome de *Princeza Guilhermina dos Paizes Baixos* é muito bella. A flor é pequena, mas é cheia e d'uma admiravel côr branca; exhala um aroma delicioso.

As roseiras Ilha de Bourbon constituem uma especie de magnificos exemplares, muito florescentes no outomno. A roseira *Imperatriz Eugenia* é uma das mais bellas variedades, flor grande, cheia, d'uma côr de rosa com tons prateados. A *Jules Jurgensen* é ainda mais bella que a anterior; a sua flor exhala

um magnifico aroma e é d'uma côr de rosa magenta lindissima. Outra variedade, mais bella ainda, é a *Monsieur Cordeau*, flor muito grande, cheia, d'um vermelho vivo carmesim, sombreado de vermelhão. E' muito florescente e as suas flores exhalam um cheiro agradabilissimo.

As roseiras Musgo são justamente apreciadas. A variedade *Zenobia* é muito bonita. A flôr é grande, cheia, de petalas assetinadas e d'uma côr de rosa ligeiramente esbatida. Os botões de musgo são lindissimos. A *Deuil de Paul Fontaine* é uma variedade d'uma extraordinaria belleza. A flôr é grande, perfeita, cheia, de côr vermelha purpura carregada, sombreada de vermelho muito vivo. A *Eugenia Guinoisseau*, com uma flor côr de cereja passando a violeta, é tambem muito bella.

Mas, como acima dissemos, é tão consideravel o numero de especies e variedades de roseiras que impossivel se nos torna referirmo-nos a todas.

As roseiras *Noisette*, as *hybridas remontantes*, as *hybridas chá* e outras, são magnificas especies e variedades, com bellissimas e soberbas rosas.

Difficil tarefa seria a de escolher as mais bellas entre tantas e tão encantadoras flores. Por isso deixamos esse grato trabalho ao gosto do leitor apaixonado.

Minero gazosa lithinada natural de Moura. Refrigera os sãos e cura os doentes. Premiada em varias exposições. Vende-se em toda a parte.

Deposito geral: RUA DA CONCEIÇÃO, 123

ASSIS & C.A

FORNECEDORES DA CASA REAL

TELEPHONE N.º 880

Palestra scientifica

A Lua

Que se passará no astro, nosso fiel companheiro na peregrinação pelo espaço, como será constituido? N'aquelle globo, no disco prateado e brilhante que de noite nos apparece no firmamento, a repartir carinhosamente comnosco um pouco de luz que do sol recebe, haverá vida, calor, agitação, movimento, ou a desolação e solidão selvagens, o silencio absoluto e eterno? Não se sentirá alli o menor sopro, não serpenteará nas suas planicies o mais tenue filete de agua, não palpitará qualquer manifestação de vida por mais insignificante que seja?

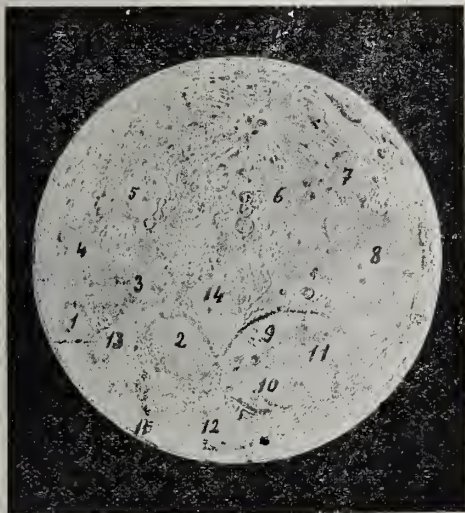
Pois quê! O mundo que mais perto de nós se encontra, será um globo deserto e gelado, onde não possa existir qualquer sêr qne admire o nosso planeta, grandioso e radioso astro, eternamente immovel no seu negro céo?

Que pena que isso nos causa! A proximidade relativa da Lua permittiria talvez que um dia viessemos a communicar com os seus habitantes por meio de signaes e talvez chegassemos a entender-nos. Infelizmente, porém, as observações mais minuciosas feitas

até hoje pelos astronomos não deixam subsistir duvidas. A Lua, depositaria fiel dos segredos dos amantes, ré innocente de todos os maleficios que lhe attribue a crendice popular, é um globo condemnado para todo o sempre á esterilidade, pelo menos na parte que é visivel da Terra, pois, como é sabido, a Lua volta para nós sempre a mesma face e uma parte da sua superficie, um pouco menos de metade, ficará, por isso, por toda a eternidade occulta a nossos olhos, invisivel, mysteriosa.

Quem haverá ahi, porém, que em horas de melancolia não tenha observado curiosamente esse brilhante e radioso disco, sombreado por ligeiras manchas, agrupadas de modo a imprimir-lhe uma flagrante semelhança com uma face humana que, ora nos sorri alegre e consoladoramente, ora se nos apresenta com parecer irritado, de sobrecenho carregado?

Essas nodoas escuras são apenas extensas planicies, entre montanhas altissimas que impedem que o sol as illumine completamente, e a que os primeiros selenographos impropriamente chamaram *mares*. Impropriamente, sim, porque á superficie do globo lunar, sobre o qual parece pesar implacavelmente a maldição de Deus, não ha a menor parcella de agua. Por toda a parte a aridez, uma paysagem, de aspecto grandioso e phantastico, é certo, mas selvagem; por toda a parte a desolação e a morte... A morte, não, porque seria necessario admittir uma vida anterior e a configuração regular e circular das montanhas que parecem ter conservado sem modificação alguma o aspecto rude e primitivo, não permitte suppôr seu

que em qualquer epocha anterior ellas tivessem soffrido a acção dos ventos e da agua, sendo de crêr que a Lua foi sempre, desde a epocha do seu resfriamento, aquillo que é hoje, um globo completamente

desprovido de gazes e de liquidos. Em vão se tem procurado descobrir qualquer vestigio, pequeno que fosse, d'uma atmosphera que fizesse suppôr uma vida anterior que talvez se continuasse ainda presentemente no fundo das planicies mais baixas ou das numerosas fendas que sulcam a superficie do nosso satellite. Nada tem sido descoberto que auctorise tal supposição

Não foram, porém, completamente infructiferos os esforços empregados n'esse sentido, pois que, se nada se obteve de positivo relativamente ao objectivo que se tinha em vista, pôde pelo menos verificar-se que á superficie da Lua não ha uma immobilidade e immutabilidade absolutas. A cratera de Linneu, por exemplo, ha proximamente um seculo que muda singularmente de aspecto, e as duas crateras de Messier teem modificado successivamente a sua posição relativa, o que demonstra que no globo lunar não terminou ainda completamente o trabalho geologico.

O grande numero de observações effectuadas permitem desenhar com toda a exactidão a carta da superficie lunar visivel da Terra. Apresentamol-a aos nossos leitores, prevenindo-os ao mesmo tempo de que, para observar directamente na superficie lunar muitas das particularidades d'essa carta, não é necessario um instrumento de grande potencia. Com um bom oculo maritimo, um binoculo mesmo, já podemos perceber os contornos dos grandes *mares*, alguns dos quaes se distinguem mesmo a olho nú.

Devemos acrescentar que a gravura apresenta a imagem invertida, tal como a vemos atravez do óculo, ficando o Oeste á esquerda, porque os pontos cardeaes são referidos á Terra. Se fizessemos gyrar a imagem de modo que o Norte ficasse para cima, o Oeste ficaria á direita, contrariamente ao que succede nas nossas cartas geographicas; é realmente oeste para nós, mas para qualquer pessoa collocada na Lua, esse bordo seria na realidade o oriental.

Posto isto, sem tentarmos sequer fazer uma descripção da superficie da Lua, seguiremos no entanto o leitor n'uma rapida inspecção á parte occidental da carta. Na parte noroeste, *em baixo e á esquerda*, vê-se perto do bordo exterior do disco o Mar das Crises, enorme planicie cercada das mais altas montanhas que tem a Lua, as quaes em alguns pontos attingem alturas superiores á do Monte Branco terrestre. E' visivel a olho nú, passados cinco dias depois da lua nova, apresentando-se-nos sob uma fórma oval, mais alta que larga. O fúndo da planicie é mais baixo que o das planicies circumvisinhas Cerca do terceiro dia depois da lua cheia vê-se, porém, muito melhor, quando a luz a atravessa de leste para oeste e as montanhas occidentaes vão pouco a pouco mergulhando na sombra, apparecendo apenas os seus altos cumes illuminados como pequenos ilheus de lùz no meio da obscuridade que vae invadindo a superficie lunar. Acima do Mar das Crises e um quasi nada sobre a direita, estende-se a grande planicie a que se deu o nome de Mar da Fecundidade, separada, ao norte, do Mar das Crises por uma cadeia de altas montanhas, a nordeste do Mar da Tranquillidade pela grande cratera Tarentius e o pequeno monte Secchi. O Mar da Fecundidade é duas vezes maior que o das Crises, e, como não é cercado de tão altas montanhas como este, é mais difficil de observar a olho nú, apresentando-se-nos como uma mancha vaga e indefinida. No meio do Mar da Fecundidade encontram-se as duas crateras Messier, a que já nos referimos. Acima d'este *mar* e ainda um pouco sobre a

direita, vê-se o Mar do Nectar, quasi tão grande como o das Crises, fechado ao sul por uma especie de bahia semi-circular, formada pela cratera meia destruida de Fracastor e limitada a noroeste por uma cadeia de montanhas chamadas Pyreneus. Para o sul do Mar do Nectar estende-se uma vasta região quasi plana e a leste a cadeia dos montes Altaï, que n'uma extensão de 450 kilometros tem 4.000 metros de altura.

Ao norte da região do Mar do Nectar, estende-se o Mar da Tranquilidade, immensa planicie mais extensa que o Mar da Fecundidade que lhe fica a sudoeste e que ella liga ao Mar da Serenidade. Faz parte da vasta região pardacenta que a olho nú se distingue no alto do quarto crescente.

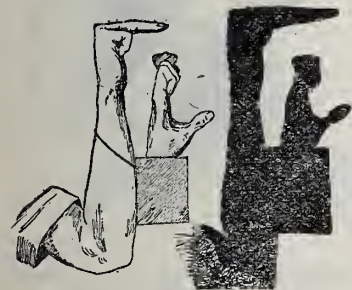
A nordeste do Mar da Tranquilidade encontra-se o da Serenidade, immensa planicie quasi circular no centro da qual se elevam tres pequenas crateras, uma das quaes, Linneu, tem sido objecto de numerosissimas observações e á qual já acima nos referimos. Parte da montanha parece ter desabado e ter-se enchido a cratera.

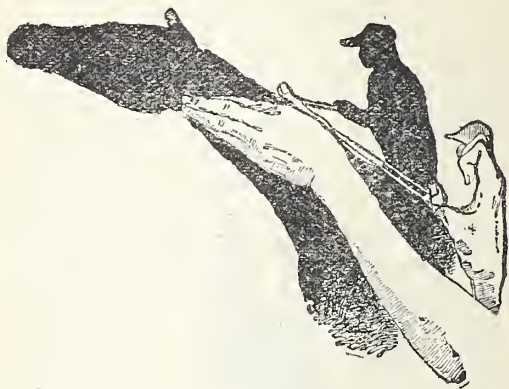
São estes os principaes Mares da superficie lunar, aquelles que tem sido objecto de maior numero de observações. Ha ainda outros que o leitor póde observar na carta, como o Mar dos Vapores, o Mar das Chuvas, o Mar dos Humores, o Oceano das Tempestades, etc. Acompanhar o leitor n'essa observação, levar-nos-ia muito longe e o nosso fim foi apenas darlhe uma ideia geral do aspecto da superficie lunar.

Distracções e coisas uteis

Sombras curiosas

Quem haverá que em creança não tenha achado uma graça infinita á projecção da sombra das mãos collocadas em determinada posição, de modo a representar na parede um coelhinho que, para maior gaudio nosso, até figurava estar a comer quando mexiamos um dos dedos? N'esse tempo limitava-se o innocente divertimento á repre-

sentação das cabeças de dois ou tres animaes, mas como tudo progride n'este mundo, tambem elle avançou, devido aos esforços d'um celebre equilibrista, cujo nome nos não recorda agora, o que, de resto, nada faz ao caso, que deliciou o publico das principaes capitaes europeias, multiplicando as imagens por combinações varias dos braços, mãos e dedos,

com uma notavel perfeição que os nossos leitores pódem apreciar pelas gravuras que inserimos.

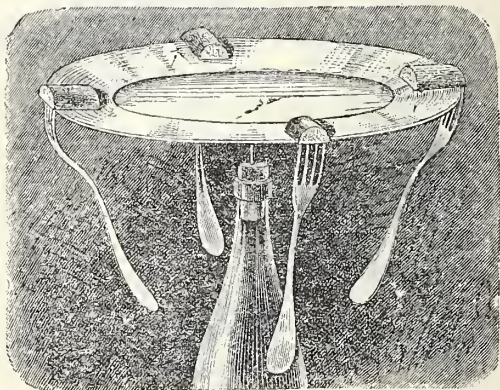
Ahi está um pulpito figurado pelo braço nú a que se acha preso um pequeno rectangulo de madeira, e o padre pela mão, com um bocado de cartão entre os dedos a representar o barrete:

Um cavallo de corridas, a toda a brida, sob a mão firme do seu *jockey* destemido. Um bocado de fio para figurar as redeas e um bocadinho de cartão o barrete do *jockey*.

Vem agora um gato magnificamente figurado; o corpo representado pelo braço com a ponta d'uma capa ou de uma manta enrolada, a cabeça, de orelhas moveis, por uma das mãos, e a cauda pelo index da outra mão.

Um cão com a boca escancarada.

Mas deixemos por agora as sombras e entremos n'outro genero de divertimentos.

Um prato em equilibrio estavel sobre uma agulha

Todos teem visto os equilibristas no circo executarem exercicios de equilibrio com pratos e outros

utensilios que fazem girar na extremidade d'um pau aguçado; o equilibrio é devido á força centrifuga e cessa logo que o movimento de rotação não é sufficiente para aquella força vencer a da gravidade.

O leitor póde, porém, fazer mais e melhor: dar a um prato equilibrio estavel sobre uma agulha, com o prato em repouso ou em movimento. Basta, para isso, cortar duas rolhas, segundo o seu eixo, espetar na extremidade de cada um dos quatro bocados um

garfo e collocar esses bocados de rolha, com a face plana para bara baixo, sobre a borda do prato, a egual distancia uns dos outros, tendo o cuidado de encostar ao bordo do prato os dentes dos garfos para evitar que balancem. O prato assim preparado póde collocar-se sobre a ponta d'uma agulha préviamente espetada na rolha d'uma garrafa.

Por tentativas encontra-se facilmente a posição em que o prato fica em equilibrio estavel.

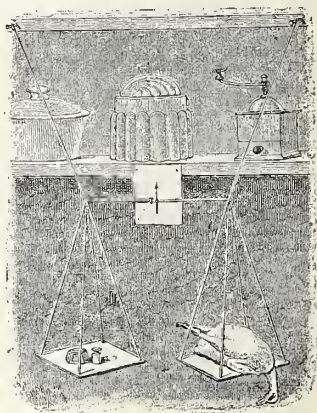
Se tivermos o cuidado de evitar qualquer causa de escorregamento, podemos imprimir ao prato um movimento de rotação, o qual durará bastante tempo em consequencia do pequenissimo atricto da ponta da agulha.

Balanças uteis e de facilima construcção

Com um bocado de corda ou cordel, conforme o peso dos objectos, e dois ou tres bocados de cartão ou madeira, fabrica-se uma excellente balança extremamente sensivel e sufficientemente exacta para os usos domesticos.

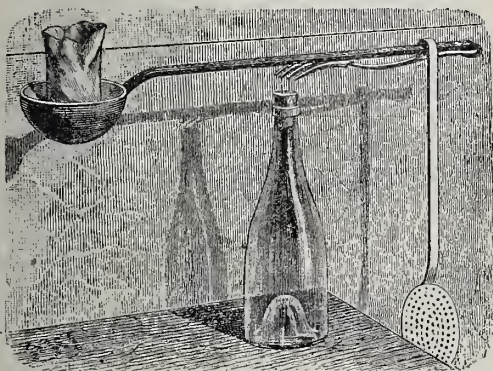
Na borda d'uma prancha horisontal espetam-se dois prégos a um metro de distancia um do outro e n'elles amarram-se as extremidades d'uma corda ou cordel, no meio do qual se enrola, apertando bem, um bocado de cordel ou fio, de modo a fazer um pequeno volume bem visivel, o volume d'um nó, por exemplo, podendo até dar-se um nó na propria corda; a questão é que fique bem a meio e seja bem visvel. D'um e outro lado d'este nó suspendem-se os

pratos da balança, cada um d'elles formado por um bocado quadrado de cartão ou madeira e quatro cordeis amarrados nos cantos respectivos. A parte central da corda que tem o nó, tomará então uma posição horizontal. Feito isto, colloca-se na parede, por detraz do nó da corda horizontal, um pedaço de cartão e marca-se com um signal, uma flecha, por exemplo, o sitio exacto a que corresponde o nó com a balança em repouso.

Collocando-se em um dos pratos qualquer objecto, o nó affasta-se da flecha; a somma dos pesos que fôr necessario collocar no outro prato, para fazer voltar o nó á côincidencia, com a flecha é o peso do objecto.-

Esta balança tem ainda o defeito de não dispensar o uso de pesos que na maior parte das casas não ha, nem estão para os adquirir.

Para tudo, porém, temos remedio e quem não tiver pesos e não os quizer adquirir, póde servir-se da pittoresca balança romana que representa a gravura.

Uma colher de concha, das usadas na cosinha, faz ao mesmo tempo o papel de braço e prato da balan-

ça e uma escumadeira o de peso movel. Um garfo, repousando por dois dos dentes sobre duas agulhas espetadas na rolha d'uma garrafa e com a outra extremidade mettida na dobra do cabo da colher e ahi mantida com um bocado de rolha, sustenta o braço da balança.

Para a graduar faz-se escorregar a escumadeira sobre o cabo da colher até que este fique perfeitamente horizontal, o que se verifica por referencia a uma linha préviamente traçada na parede. Marca-se o ponto assim determinado no cabo da colher pela escumadeira, inscrevendo um zero. Na concha da colher colloca-se depois o peso de um kilogramma, desloca-se a escumadeira até o cabo da colher ficar novamente horizontal e no novo ponto inscreve-se *1 k*. Divide-se

a distancia entre zero e *1 k* em 10 partes eguaes e assim teremos as divisões correspondentes a 100 grammas de peso. Marcando para além de *1 k* divisões eguaes ás correspondentes a 100 grammas, teremos a balança graduada, a qual fornece indicações muito approximadas, sufficientes para os usos da cosinha.

A'-som-bra-dos-car-va-lhaes
Estão as vaccas da lavoura
Dir a nora madrigaes por en
tre a seara lou ra
A som bra dos Car va lhaes

Estão as vaccas da lavoira
Dixa no ra madri gaes por ed
Tre ca ára lou ra
E en tre os tri gaes dou ra......
dos á
tar de pe lo sol pôr.........
dal-

la re mos ce bre ca . . . . . . dos . . . sobre mystérios d'a
mor . . . . . .
É a
nóra sonora ge mendo bem fun ru ru ru ru
Cau

E os nossos pequenitos
Entre o centeio brincando
serão rosados, bonitos,
Como papoilas voando.

E a tua voz sonóra
Dirá versos inspirados
Sob o canto d'essa nóra
a fallar aos namorados.

E a nóra
sonóra
Gemendo sem fim,
ru-ru... ru-ru...
Cantará
Assim... sempre assim ..

Mostramos na lição anterior a analogia das linguas italiana e portugueza nas palavras que n'esta ultima terminam em *ção* e em *dade*. Essa analogia estende-se a um grande numero de vocabulos. Assim, quasi todas as palavras que em portuguez terminam em *vel*, tornam-se italianas desde que mudemos aquella terminação em *bile*. Exemplos:

Italiano	Pronuncia
Accessibile	Atxécíbile
Impossibile	Impôcíbilê
Disponibile	Dispôníbilê
Venerabile	Vênêrábilê
Notábile	Nôtábilê
Memorabile	Mêmôrábilê
Conciliabile	Cônetxiliábilê
Censurabile	Txensurábile

Etc., etc., etc.

As excepções são rarissimas. No momento em que escrevemos apenas nos lembram duas: *Incredibile*, incrivel, *invincibile*, invencivel.

As palavras que em portuguez terminam em *dor*, tornam-se italianas mudando aquella terminação em *tore*.

Exemplos:

Italiano	Pronuncia
Conciliatore	Cônetxiliâtórê
Agitatore	Adgitâtórê
Pacificatore	Pàtxificâtórê

Fascinatore	Fàxinâtórê
Legislatore	Lêdgislâtórê
Gesticulatore	Dgêsticulâtórê

Etc , etc., etc.

Exceptuam-se:

Italiano	Portuguez	Pronuncia
Dolore	Dôr	Dôlórê
Ardore	Ardor	Ardórê
Odore	Odor	Odórê
Pudore	Pudor	Pudórê
Vincitore	Vencedor	Vénetxitórê

E poucas mais.

As palavras que em portuguez terminam em *or* sem que esta terminação seja precedida d'um *d*, tornam-se quasi todas italianas accrescentando um *e* áquella terminação.

Exemplos:

Italiano	Pronuncia
Amore	Amórê
Pastore	Pâstórê
Successore	Sutxêssórê
Editore	Êditórê
Terrore	Têrrórê
Rumore	Rumórê
Intercessore	Intêrtxêssórê
Professore	Prôfêssórê
Fervore	Fêrvórê

Etc., etc., etc.

Exceptuam-se: calor, em italiano *caldo* (cáledô) e algumas outras.

As palavras que em portuguez terminam em *ário* e *ório* são quasi todas exactamente eguaes em italiano, conservando n'esta lingua o accento predominante no *a* e no *o*.

Exemplos:

Arbitrario, Calendario, Auditorio, Promontorio, Donatario, Dignitario, (dinhitáriô) Dromedario, Depositario, Meritorio, Parlatorio, Conservatorio, Diffamatorio, Anniversario, Accessorio (âtxêssóriô), Illusorio, Mandatario, Proprietario, Originario (ôridginárió), Ordinario, Pretorio, Interrogatorio, Sudario, Seminario, Plagiario (plâdgiáriô), Preparatorio, Sedentario, etc. etc.

As palavras que em portuguez terminam em *oso* são tambem quasi todas exactamente eguaes em italiano, conservando-se n'esta lingua o accento tonico portuguez.

Exemplos:

Amoroso, Odioso, Verboso, Rigoroso, Garboso, Glorioso, Montuoso, Incestuoso (énetxêstuósô), Fastidioso, Formoso, Globuloso, Laborioso, Tormentoso, Vistoso, Nervoso, Glutinoso, Pomposo, Poroso, Ventoso, Ferroso, Sinuoso, Grandioso, Cavernoso, Furioso, Oneroso, Luminoso, Generoso (Dgênêrósô), Industrioso, Libidinoso, Tenebroso, Rugoso, Imperioso, Viscoso, Calamitoso, Famoso, Impetuoso, Voluminoso, etc. etc.

São ainda eguaes em ambas as linguas um grande numero das palavras que em portuguez terminam em *ismo*.

Exemplos:

Sillogismo, *(sillôdgismô)*, *Laconismo*, *Fatalismo*, *Magnetismo* (*mânhêtismo*), *Pedantismo*, *Materialismo*, *Paganismo*, *Federalismo*, *Deismo*, *Latinismo*, *Rigorismo*, *Despotismo*, *Barbarismo*, *Platonismo*, etc. Succede ainda o mesmo com muitissimas palavras que terminam em *ico*, as quaes conservam em italiano, como em portuguez, o accento tonico na antepenultima syllaba.

Exemplos:

Identico, *Organico*, *Tragico*, *(trádgicô)*, *Pratico*, *Logico (lódgicô)*, *Emblematico*, *Cabalistico*, *Anatomico*, *Classico*, *Fanatico*, *Impúdico*, *Democratico*, *Caustico*, *Apostolico*, *Conico*, *Epigrammatico*, *Narcotico*, *Sudorifico*, *Pedagogico (pêdâgódgicô)*, *Metrico*, *Agronomico*, *Gastrico*, *Patronimico*, *Metereologico (mêtêrêôlódgicô)*, *Frenetico*, *Erotico*, *Chimico*, *Antipasmodico*, *Parabolico*, *Aristocratico*, *Astronomico*, *Autocratico*, *Critico*, *Climaterico*, *Numismatico*, *Nautico*, *Satirico*, *Scientifico (Xiênetíficô)*, *Veridico*, *Tropico*, *Italico*, *Laconico*, *Magnifico (mânhificô)*, *Fatidico*, *Energico (énérdgicô)*, *Epidemico*, *Lunatico*, *Púdico*, *Politico*, *Sardonico*, *Trigonometrico*, *Pneumatico*, *Monarchico*, *Fosforico*, *Oligarchico*, *Episodico*, *Cantico*, *Alchimico*, *Arithmetico*, *Aromatico*, *Botanico*, *Angelico (ânedgélicô)*, *Chimerico*, *Mo-*

nástico, Portico, Pacifico (pâtxíficô), Chimico, Arabico, etc., etc.

Pronomes pessoaes

Italiano	Traducção	Pronuncia
Io	Eu	Iô
Tu	Tu	Tu
Egli ou Ella	Elle ou Ella	Éllhi ou Éllâ
Noi	Nós	Nói
Voi	Vós	Vói
Eglino ou Elleno	Elles ou Ellas	Élhinô ou Éllenô

Como tivemos já occasião de dizer, os pronomes pessoaes empregam-se, em italiano, mais ou menos nas circumstancias em que se empregam em portuguez.

Adjectivos e pronomes possessivos

Os adjectivos e pronomes possessivos são em italiano precedidos do artigo, excepto quando precedem immediatamente as palavras que designam graus de parentesco. Ex.: *Il mio giardino*, o meu jardim. *Mio padre*, meu pae. *Il mio buono padre*, o meu bom pae. *Tuo fratello*, teu irmão. *Il tuo caro fratello*, o teu querido irmão.

Masculino singular

Italiano	Traducção	Pronuncia
Il mio	O meu	Il miô
Il tuo	O teu	Il túô
Il suo	O seu (d'elle ou d'ella)	Il súô

Il nostro	O nosso	Il nóstrô
Il vostro	O vosso	Il vóstrô
Il loro	O seu (d'elles ou d'ellas)	Il lórô

Para ter a forma feminina basta mudar o *o* final em *a*, excepto em *loro* que é invariavel em genero e numero. Para formar o plural, na forma masculina junta-se um *i*, excepto em *mio* no qual se substitue o *o* final por *ei*; na fórma feminina muda-se o *a* final em *e*.

Feminino singular

Italiano	Traducção
La mia	A minha
La tua	A tua
La sua	A sua (d'elle ou d'ella)
La nostra	A nossa
La vostra	A vossa
La loro	A sua (d'elles ou d'ellas)

Masculino plural

Italiano	Traducção	Pronuncia
I miei	Os meus	I miéi
I tuoi	Os teus	I tuói
I suoi	Os seus (d'elle ou d'ella)	I suói
I nostri	Os nossos	I nóstri
I vostri	Os vossos	I vóstri
I loro	Os seus (d'elles ou d'ellas)	I lórô

Feminino plural

Le mie	As minhas
Le tue	As tuas
Le sue	As suas (d'elle ou d'ella)
Le nostre	As nossas
Le vostre	As vossas
Le loro	As suas (d'elles ou d'ellas)

Verbos auxiliares

Em italiano os verbos auxiliares são *essere* (ésserê), ser ou estar e *avere* (âvérê), ter ou haver. O verbo *essere* auxilia-se tambem a si mesmo, o que não succede em portuguez. Ex. *Io sono stato*, eu tenho sido. O participio varia e concorda com o sujeito do verbo. Ex.: *Io sono stata*, *noi siamo stati*, *voi siate state.*

Conjugação do verbo ESSERE

INDICATIVO — PRESENTE

Italiano	Traducção	Pronuncia
Io sono	Eu sou	Íô sónô
Tu sei	Tu és	Tu séi
Egli ou Ella é	Elle ou ella é	Elhi ou Ellâ é
Noi siano	Nós somos	Nói siámô
Voi siate	Vós sois	Vói siátê
Eglino ou Elleno sono	Elles ou ellas são	Elhinô ou Éllenô sónô

PRETERITO IMPERFEITO

Io era	Eu era	Íô érâ
Tu erl	Tu eras	Tu éri

Egli era	Elle era	Elhi érâ
Noi eravano	Nós eramos	Nói êrâvámô
Voi eravate	Vós ereis	Vói êrâvatê
Eglino erano	Elles eram	Élhinô érânô

Preterito perfeito

Io fui	Eu fui	Íô fúi
Tu foste	Tu foste	Tu fósti
Egli fu	Elle foi	Élhi fú
Noi fummo	Nós fommos	Noi fúmmô
Voi foste	Vós fostes	Voi fóstê
Eglino furono	Elles foram	Élhinô fúronô

Preterito indefinido

Io nono stato	Eu tenho sido	Íó sónô státô
Tu sei stato	Tu tens sido	Tu séi státô
Egli é stato	Elle tem sido	Élhi é státô
Noi siamo stati	Nós temos sido	Nói siámô státi
Voi siate stati	Vós tendes sido	Vói siátê státi
Eglino sono stati	Elles teem sido	Élhinô sónô státi

Preterito mais que perfeito

Io era stato	Eu tinha sido	Íô érâ státô
Tu eri stato	Tu tinhas sido	Tu éri státô
Egli era stato	Elle tinha sido	Elhi éra státô
Noi eravamo stati	Nós tinhamos sido	Nói êrâvámô stati
Voi eravate stati	Vós tinheis sido	Vói êrâvátê státi
Eglino erano stati	Elles tinham sido	Élhinô érânô státi

dos cantos a que havia de chegar. Arrebatamentos para o céo que tão formoso lhe parecia visto atravez das copas de verdura, o jubilo de sua alma adejando em liberdade, uma terna lembrança da amisade de Henrique, todas estas impressões se modulavam em versos, se reflectiam nas estrophes hesitantes ainda, porém vigorosas e ardentes que formaram o seu primeiro livro.

Esta doce quietação de William durou dois annos. O mancebo, que tanto soffrêra com dependencia e constrangimento aos seus, encontrava n'este selvagem officio de couteiro, em que, contra as leis sociaes, se apoderava livremente do que liberalisa a natureza, uma posição activa, um exercicio do livre arbitrio que se coadunava perfeitamente com a ousadia e independencia do seu caracter.

Diz-se que os povos ditosos são aquelles de quem a historia não reza. É por isto que os biographos de Shakspère fallam da fellicidade que elle disfructára durante esta phase da sua existencia quasi que por alto e como que esquecendo o poeta no fundo dos bosques.

Um dia William encontrou-se sentado com Anna na vereda da floresta, exactamente no mesmo sitio onde a vira pela primeira vez, quando só, perdido, miseravel, estava prestes a succumbir de desalento, e que aquella cabeça loura e radiosa saira das sombras para se amostrar a elle como uma estrella propricia.

Guardavam ambos o mais profundo silencio. Anna com a cabeça inclinada para diante e os

olhos fixos na areia luzente da vereda descoberta para onde tinham vindo tomar o sol; e William olhando para ella com viva attenção.

O joven hospede de Attaway contava então um pouco mais que dezoito annos, e o corpo começava-lhe a informar e o rosto a adquirir uma regularidade viril e imponente.

Succedia exatamente o contrario com a filha do velho puritano, que havia alguns mezes emmagrecia e tomava um aspecto doentio, difficil de suspeitar n'esta forte organisação. Já não era aquella joven creatura, nova e fresca, ricamente desenvolvida no seio do socego de espirito e da actividade dos trabalhos de todos os dias, presentemente, com a pallidez nas faces e o corpo muitas vezes dobrado pelo soffrimento, sentia-se consumir por um mal desconhecido para ella. Os olhos do pae, velados pela edade, já não distinguiam esta mudança; só os de William percebiam o mal e a causa.

— Anna, disse o mancebo, mostrando a bolsa cheia de caça, fiz hoje uma boa caçada, e não me dizeis nada a este respeito.

— Não tinha reparado, respondeu ella.

— Mas n'outro tempo gostaveis de ver cair o veado, e os olhos fulguravam-vos de alegria, quando vossos tiros o haviam atravessado, e ainda mais quando os do vosso discipulo tinham conseguido o mesmo fim.

— Era então altiva da minha dextreza e da minha coragem, porque vol-as transmitia, e é de-

satisfação para mim que me possaes substituir, por que creio que a minha espingarda não tornará a ser temida nem mesmo de uma arveloa.

— E porque esse desalento, Anna?

— Não sou eu que renuncio a perseguir o gamo pelos nossos bosques, é a força para me lançar após elle, e tão rapido como elle por esses desfiladeiros e moitas que me fallece.

— E comtudo, a vida, longe de se extinguir em vós, é mais forte que nunca, accrescentou William, encarando-a de novo e fixamente.

— Por força se pássa alguma coisa de estranho em mim, porque, bem o vedes, o sol brilha, e o ar está morno, e eu, olhae, estou fria.

E pôz a mão na de William.

— Não tendes frio, minha irmã, mas é que todo o calor das vossas veias se concentrou no coração. Sei que elle bate com violencia.

— Se as forças da vida estivessem reunidas em meu coração, sustentar-me-iam mais do que nunca, porque eu trabalho para vós, William, e para meu pae; mas longe d'isso, eu agora apenas faço o que não pode deixar de ser, e comtudo á noite estou mais cansada que nunca. Dir-se-ia que os dias para mim são agora mais curtos que antigamente.

— Mas tambem as vossas noites são presentemente mais longas e sobresaltadas pela febre que as agita.

— E verdade, é sobretudo por isso que me parece que uma enfermidade cruel se apoderou de mim. Mas qual é ella? Ignoro-o.

— Sei-o eu

— Então, dizei-m'o.

— Amaes-me?

Anna fez um gesto de espanto, e poz-se a rir de que William chamasse doença á terna affecção de irmã que lhe tinha. Porém n'este momento encontrou o olhar excessivamente expressivo, assás penetrante do bello mancebo, e um golpe subito lhe entrou no seio, descórou e abaixou os olhos, acabava de conhecer que o sentimento que experimentava a seu respeito era effectivamente aquelle que se poderia denominar uma doença.

— Mas então, retrucou ella com a voz entrecortada por uma violenta palpitação do peito, não seria uma enfermidade, mas uma loucura, porque eu não sei se acaso me correspondeis.

— Anna, ha dez annos estava eu n'este mesmo logar junto a este grupo de carvalhos, atirado para aqui pela violencia da tempestade que me obrigára a procurar um abrigo debaixo das ramadas da floresta, quando ao cair do dia, depois da resa finda, vós viestes, depor na concavidade d'aquella arvore a biblia prohibida que, a ser encontrada na vossa morada, vos exporia á morte. Vi-vos então, Anna, e para vos tornar a ver ainda, para passar uma noite debaixo do mesmo tecto, roubei esse signal symbolico que me devia franquear a vossa porta, usurpei o titulo de um de vossos irmãos, e pratiquei a acção que é ao mesmo tempo criminosa e covarde, a mentira.

— Meu Deus! exclamou Anna, erguendo as mãos

e recuando com um movimento de espanto.

— Para persistir junto de vós, para vos ver todo o dia e chamar-vos minha irmã, continuei por dois annos esta muda traição: eu abuso do poder augusto da religião: illudo vosso pae, santo velho, não com um vão distinctivo de fraternidade, mas com minhas palavras, com as minhas orações de cada dia, de cada instante; engano-o no que ha de mais caro no mundo, na sua fé: usurpo indignamente sua confiança e roubo-lhe sua ternura paternal. Agora dizei-me, accreditareis que vos amo?

— Mentira e impiedade! murmurou ella, volvendo ao céo os olhos arrasados de lagrimas.

— Sim, mentira e impiedade, crime de todas as horas, eu o vejo tambem! Mas tambem vejo que, se cahi no lodo, se pratiquei uma acção indigna de mim, nada d'isto foi por um interesse vulgar, por querer uma fortuna, para obter honras, mas para estar sempre proximo de vós, Anna, para vos amar em paz; e eu penso que o amor como o fogo, tudo purifica, e apaga todas as maculas.

— Porém eu, William, eu que agora sei a verdade, como me hei de callar, sem ser complice da vossa traição?

— Vae acabar hoje. Como tenho o vosso amor, Anna, elle me basta, e abraço a vossa doutrina, devo reconhecer pelo templo do verdadeiro Deus aquelle onde encontro a felicidade.

— Consentis? disse ella, olhando para o mancebo

com uma esperança ardente de paixão: ides effectivamente ser um dos proselytos da nova seita?

— E indispensavel, pois só a um puritano vosso pae vos dará por esposa.

Esta resposta de William, que assegurou entre elles uma união eterna, fez-lhes surgir diante dos olhos o quadro mais risonho, annos de satisfação pura, de trabalhos partilhados, de ternura pacifica e confiando a sua duração á solidão e ao amor.

Anna amava seu joven irmão com todas as forças de alma; e elle cheio de reconhecimento por esta ternura que tinha visto crescer a seu respeito e desenvolver-se até á paixão n'uma edade, em que todos os sentimentos se inflammam de ardentes impulsos, tomou este reconhecimento e este attractivo dos sentidos pelo supremo grau do amor.

Por largo tempo fallaram da sua felicidade.

— Oh meu amigo, que doce porvir nos espera! exclamou Anna.

— Um porvir em que, ricos de paz e de amor, e abrigados de todas as borrascas do mundo, pela abobada d'esta floresta, poderemos dizer: felizes para sempre!

Uma estrepitosa gargalhada, aguda e zombeteira, se ouviu perto d'elles entre a ramada.

Elles estremeceram, ergueram-se precipitadamente, e olharam em roda de si para todos os lados pelas moitas, pelas lapas, mas não descobriram vestigios de ser vivo, todavia sentiram um calafrio correr-lhes ás veias, que devia necessariamente

ser causado pela visinhança de uma potencia malfazeja.

Deram-se pressa a deixar este logar, cujo ar parecia ter arrefecido e tornado agreste, e volveram a casa.

Attaway julgava-se feliz por dar um esteio á sua pobre Anna, que elle iria bem depressa deixar só no mundo, e por isso acolheu com alvoroço o pedido que William lhe fez da sua mão.

Antes da consagração do casamento, o velho puritano mandou que lhe trouxessem a biblia deposta dentro do tronco, aquella biblia, que resumia para elle o Deus e o altar, e sobre este livro santo fez jurar ao mancebo que ia ser seu filho, que nunca renunciaria os dogmas da mais austera seita, que não serviria a seus inimigos, e que nem renderia homenagem á rainha Isabel, em qualquer caso que fosse.

Depois a união de Shakspère e de Anna Attaway foi fixada para o domingo seguinte e que seria celebrada no templo Upton.

VI

Minuit

Na vespera d'este dia, William que tinha passado uma noite alvoraçada de doces esperanças, ergueu-se muito cedo, e se foi logo á floresta para encher as cestas de caça, afim de fornecer os dias seguintes, e não carecer de se distrair.

O tempo ia favoravel e em poucas horas o caçador completou a sua provisão; mas extenuado de cansaço, deitou-se e adormeceu.

Estava deitado de lado com um braço posto debaixo da cabeça, servindo-lhe de travesseiro, e o outro caido sobre o peito. N'esta posição teve sonhos terriveis. Todas as figuras hediondas e insolitas que unicamente apparecem em sonhos, todos os monstros do somno vieram pouco a pouco passar diante do adormecido, mostrar-lhe horrores impossiveis, e assoprar seu halito peçonhento sobre o seio arquejante.

Os cyprestes debaixo de que elle se havia deitado, estendiam-lhe grandes ramadas horisontaes por cima do corpo.

Abriu os olhos, e viu empoleirada sobre estas ramadas, pairando sobre elle, uma figura horrivel de fórmas repugnantes, fazendo esgares, que, pela expansão magnetica, lhe faziam sentir um peso suffocador.

Era o monstro mais medonho que se houvera visto em sonhos, e que houvesse tomado um corpo palpavel.

Esta idéa occorreu á mente de William que olhando friamente para a feia apparição, lhe disse:

— Estás ahi vivo, Pesadello?

— Reportae vossas expressões, bello sir, disse a creatura, estendida sobre os ramos; não me chamo Pesadello, e deveis tratar de me fallar cortezmente, porque sou guarda d'esta mata, e vós caçador ratoneiro.

Ditas estas palavras, saltou das arvores sobre a relva e se poz defronte do moço caçador.

Este homem trazia um gibão e polainas de couro em flor; estava armado de todas as armas. Era de pequeno talhe e delgado, mas annunciava grande força muscular em todos os seus membros nervudos e atuchados. A grande cabeça achatada descançava-lhe immediatamente sobre o pescoço, e a cara, assás requeimada, era tão repugnante nas feições como na expressão. A malicia via-se ahi profundamente impressa, como sobre a phisionomia do individuo que se dá á maldade por indole e ao crime por sensualidade. Não tinha idade, porque os annos ainda não haviam firmado seus traços n'este semblante, e a mocidade tão pouco poderia manifestar-se n'um tal ser.

William, que o observava attentamente, descobriu que os pés eram extremamente arredondados para serem de homem, e lhe pareceu terem a mesma forma que havia notado n'outros tempos em diversos sitios da floresta, no mesmo logar em que parecia haverem-se feito algumas mortes.

— Sim, dizia este personagem, chamo-me Minuit, sou guarda d'esta mata, e venho em nome da lei prender-vos como caçador ratoneiro.

— Tu estás armado até aos dentes, replicou-lhe o mancebo, e eu só tenho a minha espingarda, e apezar d'isso não te receio.

— Pois não fazeis bem, sir William Shakspère, porque posso denunciar e prender comvosco Attaway, o puritano e tambem caçador ratoneiro,

cuja morada está ao fundo do caminho de Ormes, encostada ao rochedo de Saint-Magloire.

William, comtudo tratou de responder com firmeza.

— Se tu tinhas o poder e a possibilidade de perder esse velho, porque o não havias já feito?

Minuit replicou com um sorriso estranho, e repassado da malignidade mais profunda, e ao mesmo tempo do que quer que era de melancolico, e que mostrava a tristeza em que a perversidade jaz sempre submersa.

— Elle é tão desgraçado, que de que serve fazel-o morrer!... A corda do algoz não é de certo mais dolorosa que as suas angustias e miserias de todos os dias. Mas agora é differente: a vossa presença trouxe o conforto á sua morada e a tranquilidade á sua alma, e ha já um certo prazer em entregal-os a seus preseguidores. O mesmo se dá comvosco agora, meu rapaz, porque quando passastes, vai em dois annos, por esta floresta, não sendo senão um pobre fujitivo sem eira nem beira, que prazer poderia haver em vos esmigalhar como esse grillo que ahi vae correndo entre a relva? Mas ao presente ides casar com uma das mais lindas raparigas que existem no mundo, e é por isso que eu agora vos prendo.

William percebeu que se encontrava realmente n'um grave perigo, porque a lei era pelo seu adversario. Em vista d'isto curou de se livrar d'elle por meios pacificos.

Ergueu-se da relva, sobre que tinha permane-

cido reclinado displicentemente, fingindo despresar seu inimigo, e disse metendo a mão no bolso:

— E se eu te der mais schilings para me deixares livre que tu receberás para me prender, o gosto de beber este accrescentamento de dinheiro convertido em agua-ardente, não excederá o prazer de me fazeres mal? Que dizes a isto?

Abriu a mão para os aparar

— Digo que se me offerecerdes um numero de cente de schillings, recebel-os-hei.

O mancebo acreditou que estava salvo e deu algumas moedas de prata ao guarda da floresta.

Mal este abriu a mão para as aparar, William estremeceu e o coração indignou-se de repugnancia,

pois lhe pareceu ver sobre a palma da mão a letra R, com que marcavam os ladrões.

— E esta? disse Minuite, estendendo a outra mão: intendeis que ella não terá tanta fome como sua irmã?

William deu-lhe outros dez schillings, e arripiou-se de novo, porque, apesar da espessura da pelle tornar esta marca quasi indistincta, pareceu-lhe distinguir no fundo da mão a letra M, com que o ferro quente da justiça estigmatisava os matadores.

— Agora, meu bom rapaz, disse o guarda, acompanhae-me a casa do lord maire.

— A casa de lord maire?! miseravel! Não acabaste de dizer que acceitavas o preço que eu te offereci pela minha liberdade?

— Menos isso, sir William: eu disse simplesmente que receberia os schillings, mas não prometti nada em troca.

William arrebentado de cólera, saltou sobre a sua espingarda, que tinha deixado encostada ao tronco de uma arvore.

— Quietinho, quietinho, meu lord, disse Minuit: pensae um pouco antes de atirar á surrelfa sobre mim como fazeis sobre os veados da matta; olhae que sou mais forte que vós; e que vos quebrarei os ossos como faço a isto.

Dizendo estas palavras, agarrou o tronco de uma arvore nova e quebrou-o e aguçou-o entre as mãos como faria ao pé de uma flôr.

— Sou duas vezes mais forte que vós, conti-

nuou elle, e estou duas vezes melhor armado. Póde-se apostar quatro contra um que, se brigarmos, ficareis debaixo: e morto ou vivo, sereis preso e sir Attaway, ainda em cima, para vos punir da resistencia.

— Pois bem; o proveito será todo teu, replicou William, e assim terás duas mortes para te saciares.

— E quem vos diz que isso seja o mais agradavel para mim? tornou Minuit com sorriso malevolo e triste, que tinha já mostrado. Para quem detesta os homens, ha mais a ganhar em deixal-os viver, que em matal-os. A morte com o cutello ou com o nó de uma corda, só tem um minuto de soffrimento, e a existencia possue mil modos de ferir, de torturar, de infiltrar a dôr gota a gota.

William, quando percebeu que a sua resistencia perderia Attaway, deliberou-se a entregar-se ao guarda de que ia seguil-o, e já caminhando em silencio pela vereda principal da floresta, lembrou-se de lhe perguntar ainda:

— Mas porque detestas tu tanto os homens?

— Dir-vol-o-hei talvez um dia, quando o poderdes comprehender melhor.

Em breve chegaram a casa do lord maire.

O guarda da floresta levou o preso á municipalidade do burgo mais visinho, e entregou-o ao poder dos aldermanes.

Como lord maire se achasse no seu castello n'esta occasião, e quizesse pessoalmente conhecer

todas as causas apresentadas á sua jurisdição, o empregado municipal foi advertil-o de que um caçador contrabandista tinha sido preso na floresta de Worcester.

O magistrado respondeu que não podia ir á municipalidade, por estar para se metter na carruagem para ir a Londres com sua familia, mas que se o delinquente podia ser levado á sua presença sem perda de tempo, julgaria este negocio antes da partida.

William, escoltado pela guarda e quatro homens d'armas, foi levado ao castello.

O vestibulo da residencia senhorial estava cheio de equipagens. Os numerosos cavalheiros, que deviam acompanhar a lord maire na sua viagem, estavam já montados e formavam duas alas desde a grade do portão até ao portal do palacio. A ponte levadiça estava descida e as trompas enchiam os ares de seus clangores e davam o rebate para partida

Um bello velho descia os degraus do peristillo, e ao lado vinha uma formosa senhora vestida de amazona, tão resplandecente de belleza como de ornatos, e que se comprazia de accrescentar ao seu garbo natural toda a dignidade conveniente a uma castellã, que vae atravessar as fileiras de seus numerosos vassallos.

Apoz elles, caminhava um mancebo vestindo tambem um elegante fato de cavalleiro, porém menos affectado no seu todo, e satisfeito unicamente com o prazer que ia experimentar na viagem, sem

pensar nem levemente em tomar para si as honras do apparato imponente que se havia apparelhado.

Foi n'este momento que William, mettido entre os quatro soldados, que o cercavam como a uma prisão ambulante, chegou junto ao vestibulo diante do magistrado, que havia recebido a accusação feita contra elle.

— Como vos chamaes, senhor? perguntou o lord maire

— Uma voz partindo do grupo senhorial, bradou:

— William Shakspère!

Ao mesmo tempo o cavalleiro que vinha atraz do lord maire desceu precipitadamente os ultimos degraus do peristilio, e se deitou nos braços do preso.

William apertou Henrique ao seu coração, e depois respondeu a lord Soutampton:

— Perguntaes o meu nome, sir? Vosso filho agora o disse, e ao mesmo tempo a sua affeição vol-o recommenda.

— Agora vos reconheço bem, disse o velho conde: sois filho do mercador de lãs de Stratford, com quem Henrique havia travado tanta amizade.

Lord Soutampton pronunciou estas palavras sem resaibo de resentimento, porque jámais soubera que William houvera sido o instigador e o companheiro da fuga de Henrique, o que além d'isso havia esquecido já ha tempo com uma travessura de infancia, e ajùntou em tom benigno:

— Então daes-vos aqui á tarefa de caçar ás escondidas, meu joven amigo?

— Sim milord; ha dois annos.

— Não serei excessivamente severo comvosco, mancebo: penso que vos entregais a esse exercicio prohibido, porque na vossa edade tendes necessidade de movimento e de resfolgar livremente, como as arvores carecem de espaço para bracejar os ramos. Ora pois para vos punir, vou dar-vos uma licença de caça. D'este modo volvereis aos vossos exercicios habituaes, e não faltareis á lei.

— Oh! meu pae! quanto vos agradeço! exclamou Henrique.

— Sim, tornou o velho conde a rir-se: este bello rapaz tinha amores illegitimos com a caça, e eu vou casal-os legalmente para que a moral fique satisfeita.

Depois entrou para a carruagem, e o rumor que se levantava em volta annunciava já a partida do cortejo, quando Henrique disse a lord Soutampton.

— Meu pae, nós estamos ainda á porta da nossa casa, onde todo o estranho deve receber a hospitalidade; concedei-me que eu deixe descançar e offereça alguma refeição ao meu amigo, porque em seguida correrei a toda a brida, e prometto-vos chegar tão depressa a Londres como vós, ainda que para isso arrebente o cavallo.

— Lá arrebentares o cavallo, fal-o-has tu com facilidade, e até escolherás para isso o melhor da cavallariça. Tomas isso por pouca cousa. E tens comtudo um grande exemplo diante dos olhos no barão Clarisson, que vae em dois annos lamenta

a perda do seu bom cavallo Jupiter, roubado não se sabe como á porta do theatro de Stratford, e que foi encontrado morto na estrada da mata de Worcester. Por modo algum, meu rapazinho, se tu queres ficar aqui para offerecer uma refeição ao teu amigo, o que me parece natural, entraremos todos por um instante na sala de jantar e depois levar-te-hemos comnosco.

O que o velho conde queria afinal era tambem tomar parte nas attenções affectuosas do filho para com um rapaz de uma classe inferior, e estimular sentimentos liberaes que não ousaria inspirar-lhe, mas que folgava de lhe encontrar.

Mandou que abrissem a sala baixa onde se via um bufete bem guarnecido, e se sentou á meza com os dois mancebos, tambem mancebo como elles por sua affabilidade e doçura, por que a idade é uma chimera, e todo o individuo é moço mesmo aos sessenta annos, quando tem uma fronte serena, um olhar affectuoso e um doce sorriso.

Durante este tempo, miss Izabel, a bella donzella vestida de amazona, permanecia de pé com o fim de abreviar a refeição. Encostada contra o bufete, franzia as lindas sobrancelhas, batia no sobrado com a ponta do chicotinho, olhava para o pateo onde estavam os cavalleiros prestes a partir, e dizia alto, que seu pae havia tido uma má idéa de fazer esperar a todos por nada.

William comia com grande appetite as eguarias que o conde lhe servia, e agradecia a Henrique a constancia da sua amizade com olhares de ternura

e furtivos apertos de mão. Ao mesmo tempo examinava a furto aquella menina, cuja presença lhe causara já n'outro tempo uma estranha impressão, e cujos attractivos exteriores, como a altivez desdenhosa, pareciam terem-se ainda mais desenvolvido depois de dois annos. Comtudo, admirando-lhe o typo tão perfeito de belleza aristocratica e de pura raça, via-se propenso a convir que ella tinha razão em se reputar collocada ao de cima do commum dos seres e sentia que lhe rebentavam as lagrimas dos olhos por pensar no immenso intervallo que o distanciava d'ella. Mas de repente indignava-se da insolencia de seus prejuizos, e quizera dobrar-lhe a soberba em suas mãos, para lhe mostrar que tambem ella estava sujeita á dor, e á morte, como os outros entes.

Por algumas palavras vagas, percebeu William que a nobre miss se dicidira em fim a conceder a mão a lord Clarisson, e que estava tudo combinado para o casamento.

Tanto que a refeição acabou, lord Southampton metteu-se na carruagem, e seus filhos montaram nos cavallos que os aguardavam ricamente ajaezados.

O primeiro passo do cavallo de Henrique separou as mãos cerradas dos dois amigos; mas William, dirigindo um derradeiro adeus com a mão ao joven conde de Southampton, que se affastava, lhe gritou que bem depressa o tornaria a vêr. Não lhe fallou de seu casamento, durante os poucos momentos que se entretivera com elle, porque não teve tempo, e porque quasi se esquecera d'isso.

Quando William sahia do castello, viu Minuit assentado em cima de um muro que circundava o páteo, sobre o qual se erguiam, de distancia em distancia, gorgonas e griffos de bronze; aquelle homem pequeno figurava bem ao natural entre estes monstros de côr enfarruscada.

Ao passar perto d'elle, disse rindo-se a William:

— Está bem, amigo; não vos digo adeus, mas *até á vista.*

Depois d'este dia de vivas sensações, William achou-se mudado na residencia do velho puritano. Em presença de sua alma agitada e cheia de vagos desejos, este retiro pareceu-lhe de repente frio e mudo.

A alegria de haver encontrado o joven conde, que tão seu amigo se mostrava, o alvoroço que lhe fizera experimentar a presença da bella Izabel, que se sentia sempre a ponto de adorar e de amaldiçoar, a grande anciedade de conhecer Londres, que os aprestos de viagem a que assístira lhe estimulara ainda mais, e mil outras ambições novas e ardentes, tudo contribuiu para que agora se lhe affigurasse singularmente pallido o prazer de vêr o sol a esconder-se por detraz da floresta e o de contemplar Anna á lampada da lareira.

E além d'isto, o generoso fidalgo com o dar a William a licença para caçar nos sitios dependentes da municipalidade, tornou-lhe esta occupação impossivel. Já não havia perigos a arriscar, nem audacia que desenvolver. Cada peça de caça morta não offerecia o attractivo de uma conquista. A

caça, para elle, não era agora mais do que um emprego, um meio de ganhar a vida, e excessivamente miseravel para o caçador, que ainda na vespera caçava com o unico direito da sua dextreza, se deliberar a exercel-o.

No emtanto, o dia do casamento chegou tão rapido, que William e Anna foram effectivamente unidos no templo de Upton.

O amor de Shakspère á filha Attaway havia nascido forçadamente pela aproximação continua de duas jovens creaturas na idade das primeiras inclinações do coração, exactamente como as plantas que obrigam a desabrolhar em terrenos quentes, e como ellas tinha um tal amor raizes pouco duraveis. Alguns dias de paixão sobraram para o extinguir na alma de William.

Uma manhã ergueu-se sem ruido do leito da esposa

Contemplou-a a dormir um momento.

O sol, que despontava por detraz da estrada de alamos, projectava nas paredes do pequeno quarto e sobre o alvo linho da cama as sombras das ramadas undeantes.

Anna, dotada de uma belleza tão fresca e pura, adormecida na tranquilidade dos sentidos, e no meio das sombras tremulas d'estas arvores que se balanceavam indolentemente em torno d'ella, apresentava o aspecto como se estivesse no centro da floresta, sua patria, sua esphera, seu mundo inteiro.

William alevantou-lhe de leve os folhos da touca

de noite, e pondo-lhe a mão na fronte, contemplou-a com eternecimento solemne, e lhe disse baixinho estas palavras:

— Adeus tu que me amas, e a quem eu amo ainda e que vou deixar! Doce planta em forma de mulher! Flor dos bosques desabroxada á sua sombra silenciosa, que possues d'ella o perfume e a formosura: tu causas a admiração e o prazer, mas aquelle que te comtemplou e aspirou nada mais tem que esperar de ti. Tu podes ser a companheira de um ente, cuja natureza seja conforme á tua. Eu careço de mais, e quando eu te fallar dos devaneos do meu amor, de seus ardores insanaveis, responder-me-has como a violeta ao sol, com o insenso exhalado de tua alma. A lyra da virgindade só tem uma corda. É indispensavel, talvez, que eu encontre por outra parte este amor de alegrias e tormentos, que resume a vida. Necessito de uma mulher que falle a linguagem da paixão, para que possamos entender-nos ambos; cuja alma contenha a violencia toda d'estes sentimentos, afim de que possamos possuir-nos mutuamente; uma mulher que me domine completamente com o seu poderio, quando eu não consiga subjugal-a com o meu influxo, que me torne seu escravo nos momentos em que eu não logre ser seu senhor e seu Deus. Perdoa-me Anna, porque o que eu faço n'esta hora, não é um acto de minha vontade, mas obediencia a uma força irresistivel que me repulsa para longe de ti. Perdoa-me, tu que dormes tão perfundamente e mergulhada em tão pura

innocencia que nem te sobresaltas com os combates, com as turbações d'este peito que tão proximo do teu palpita; perdoa-me, e que a minha presença fique, como um brando sonho, gravada na tua vida que não é mais que um tranquillo somno.

Depois de ter pronunciado mentalmente este triste adeus, William deu um beijo na fronte da pobre adormecida, e em seguida sahiu d'esta camara, e logo de casa, e poucos instantes depois da floresta, e passados dias do condado de Worcester.

VII

A morada da comediante

Quando o nosso genio é superior aos nossos haveres, é indispensavel elevar os nossos haveres á altura do nosso genio. Este axioma da humanidade atormenta incessantemente os individuos talhados para altos destinos, por que elles procuram conseguir logar, elevando-se, pois são da essencia da chama, a qual descende das regiões superiores, e tende por isso sempre a subir para o mesmo ponto.

Shakspère, que acabava de deixar uma casa hospitaleira, um ancião nos derradeiros momentos da vida, e uma mulher nas primeiras caricias de esposa, não era comtudo tão culpado por isto como poderá parecer. Um impulso secreto o impellia realmente a procurar, em longes distancias, o movimento da existencia. Deixou na residencia

Anecdotas

Seguiam uma vez por uma estrada fóra um cura de aldeia e um seu sobrinho, aquelle montado n'uma boa egua e este n'um jumento cujos arreios iam muito largos, ou porque fossem mal apertados ou porque pertencessem a um animal maior.

Acaba-se-me o jumento antes de chegarmos

Com a andadura do animal, a albarda foi caminhando pelo dorso fóra do jumento até que por fim ficou sobre o pescoço, deixando vêr apenas as duas enormes orelhas.

O rapaz que dava ha algum tempo evidentes signaes de preoccupação, voltou-se para o padre e perguntou:

— Ainda falta muito para chegarmos, meu tio?

— Temos ainda uma hora, pelo menos, de caminho.

— Valha-me Deus! Acaba-se-me o jumento antes de chegarmos, pois se elle já não tem senão orelhas! exclamou o rapaz muito afflicto.

Frederico, o Grande, rei da Prussia, era muito affavel para os soldados da sua guarda e a qualquer cara nova que avistasse entre elles fazia invariavelmente tres perguntas: Que edade tens? Ha quanto tempo pertences á guarda? Têem-te pago regularmente o teu *pret* e forneceram-te o fardamento regulamentar?

Um rapaz francez que não sabia uma palavra de allemão, empenhou-se extraordinariamente para ser admittido na guarda do grande rei e, como era garboso e de apparencia marcial, conseguiu o que desejava. O capitão, porém, lembrando-se de que o rei, mais dia menos dia, lhe faria as tres perguntas do estylo e que o novo guarda não poderia responder por não perceber allemão, chamou o rapaz, explicou-lhe o caso, e ensinou-lhe as respostas que havia de dar.

Passado algum tempo, Frederico viu o rapaz, chamou-o e fez-lhe as tres perguntas do estylo, mas, por acaso, em ordem diversa da usual.

— Ha quanto tempo estás na guarda? perguntou-lhe.

— Vinte annos, respondeu em allemão o novo guarda sem hesitar.

O rei olhou para elle com espanto, não só porque era a primeira vez que o via, mas ainda porque a juventude do guarda que estava interrogando, desmentia por completo a affirmativa da resposta. Mas continuou.

— Que edade tens?

— Um mez, respondeu o soldado.

— Que edade tens?
— Um mez, respondeu o soldado.

— Ah! E' demais! Um de nós perdeu o juizo, disse o rei entre indignado e surprezo.

— Um e outro, meu senhor, respondeu o guarda, imaginando que as ultimas palavras do rei eram a terceira pergunta.

Frederico ficou estupefacto com o atrevimento do soldado, não sabendo o que pensar do caso, nem se deveria zangar-se.

Decidido a profundar o caso, visto que a attitude respeitosa do soldado, não permittia suppôr a troça ou o proposito de offensa, fez a este mais algumas perguntas.

Como porém se lhe tivesse esgotado a provisão de allemão, o guarda vendo que o rei continuava a interrogal-o, explicou-lhe em francez que não sabia mais nada de allemão e que as tres respostas as tinha aprendido de cór para aquella eventualidade.

Frederico riu a bandeiras despregadas e aconselhou o soldado a applicar-se á aprendizagem da lingua allemã.

Entrou um sujeito n'um restaurante, sentou-se e pediu um bife. D'ahi a pouco veio o creado trazendo um prato com um bife muito pequeno que poz deante

do freguez. Este pegou no prato examinou o pequenino bife e entregando-o de novo ao creado disse-lhe:

— E' exactamente d'esta carne que eu gosto; podes mandar fazer o bife.

Um marchante foi a casa d'um camponez dos arredores creador de gado lanigero para comprar um carneiro; o camponez mostrou-lhe, entre outros, um magnifico exemplar, mas pediu tão elevado preço que o marchante recusou-se a compral-o, pretextando que tinha ainda que pagar os direitos de entrada na cidade o que levaria o carneiro a um preço fabuloso.

— Lá porisso não tenha duvida. Se o carneiro lhe agrada, dê-me o preço que lhe pedi, que eu me encarrego de lh'o levar á cidade, sem pagar mais nada.

— Ha-de ser difficil, retorquiu o marchante. Todavia não tenho duvida em dar-lhe o preço que me pediu pelo carneiro posto dentro da cidade.

— Pois então vae vêr, como ainda hoje ponho o carneiro em sua casa. Metta n'este saco o seu cão.

O marchante assim fez; metteu dentro d'um sacco o enorme cão que o acompanhava.

O camponez, agarrando no sacco ás costas, dirigiu-se para as portas da cidade.

— Que leva ahi? perguntou lhe um guarda.

— Um cão, respondeu o camponio.

— Um cão dentro d'um sacco?! observou o guarda. Vamos lá vêr isso.

— Mas um cão tambem paga?

— Não paga, não, mas sempre quero vêr se é um cão.

O camponio poz o sacco no chão com manifesta

ções de mau humor e começou a desatal-o. O cão mal apanhou uma aberta safou-se a correr para o sitio onde tinha ficado o dono.

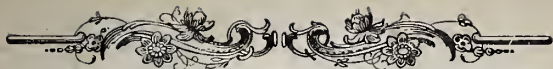
O camponez, furioso, diz para o guarda:

— Vê? Por causa da sua curiosidade lá tenho eu que apanhar uma estafa atraz do cão. E ainda pode-

Não paga, mas deixa ver o cão

rei considerar-me feliz, se o apanhar. Dizendo isto desatou a correr pelo caminho que levára o cão. Chegado a casa metteu no sacco o carneiro e voltou para a cidade. Chegado ás portas voltou-se para o guarda que lhe tinha feito abrir o sacco e disse:

— Afinal sempre o agarrei. Elle cá vae. Mas olhe que sempre me deu uma estafa...

O guarda d'esta vez não quiz vêr o que ia no sacco e o carneiro passou.

Arte culinaria

Em Friburg, na Suissa, existe uma escola normal de cosinha muitissimo frequentada que tem prestado magnificos serviços na educação da mulher. Na verdade o conhecimento da culinaria é indispensavel n'uma boa dona de casa e sem elle não pode considerar-se a educação da mulher completa. O exemplo da Suissa virá, por isso, mais tarde ou mais cedo, a ser imitado em todos os paizes e, em alguns, vae sendo supprida a falta de escolas appropriadas por conferencias theoricas e praticas realisadas por cosinheiros afamados e apaixonados pela sua arte.

Seria para desejar que no nosso paiz se seguissem quanto antes esses salutares exemplos.

Com essas conferencias tem-se propagado em França o uso de iguarias, por assim dizer, regionaes, isto é, que até então eram privativas de certas regiões. N'estes casos está, por exemplo, a *bouillabaisse*, afamadissima sopa provençal que os numerosos estrangeiros que aportam a Marselha, consideram de obrigação saborear. A sua confecção é, de resto, extremamente simples.

Duas maneiras ha de a fazer, segundo o peixe que, principalmente, queremos empregar é a pescada ou o

salmonete. Dizem alguns especialistas que para a *bouillabaisse* a caçarola de barro é preferivel á de metal. Não somos d'essa opinião. O que é essencial é que a fervura seja rapida e quem dispozér d'um fogão de gaz cujo uso é hoje quasi geral, no qual a intensidade do calor póde ser elevado ou diminuido á vontade, não tem que se preoccupar com a materia de que são feitos os utensilios e os melhores utensilios são incontestavelmente, em todos os casos, os de aluminio.

A *bouillabaisse* faz-se do seguinte modo:

Deita-se n'um tacho uma cebola cortada em cinco ou seis bocados, alho, salsa picada o mais miudamente possivel, um bocado de casca de laranja, sal, pimenta, um copo pequeno de agua, especiarias e duas colheres de azeite por cabeça.

Junta-se a pescada, o linguado e quaesquer outras variedades de peixe pequeno, com excepção da cavalla, cortados ás postas, mistura-se tudo muito bem, põe-se a um fogo muito vivo e deixa-se ferver.

Uns doze a quinze minutos são tempo sufficiente para a preparação d'este delicioso acepipe. Se quizessemos deitar-lhe figados de peixe, só o deveriamos fazer uns 6 a 7 minutos depois de o pôr ao lume.

Se o peixe a empregar, principalmente, na confecção da *bouillabaisse* fosse o salmonete, procederimos então do seguinte modo:

Deita-se n'um tacho alhos doces picados, azeite e o peixe, salmonete e outras variedades miudas, cortado ás postas, um copo de agua por cabeça e põe-se tudo a coser rapidamente. Como no processo anterior,

Uma conferencia sobre a «bouillabaisse» a deliciosa sopa provençal

uns doze a quinze minutos são tempo sufficiente para se effectuar a fervura, apoz o que se tira do lume e serve-se.

Qualquer dos nossos leitores fica assim habilitado a saborear a famosa sopa provençal sem ter o trabalho de ir a Marselha. Na realidade, vale a pena, porque é uma iguaria de sabor exquisito e original, muito agradavel.

A *Omelette*, no theatro da Rua dos Condes, parodia de Raphael Ferreira ao *Hamlet*, durou pouco mais do que costumam durar as *omelettes* a valer. Serviu-se duas vezes e não chegou á terceira por falta de commensaes.

Como todos os originaes, merece-nos, porém, algumas palavras. A comida, que já de si não era apetitosa, appareceu-nos muito mal cosinhada. Luciano de Castro foi o unico que acertou nos temperos; os restantes estragaram completamente o petisco que, de mais a mais, tinha todo o aspecto de ser feito com ovos chocos.

Deixando a linguagem culinaria, diremos que Raphael Ferreira não escolheu bem a peça para parodiar, porque o povo mal conhece, e peor aprecia, o original, nem foi feliz no modo de parodiar. E' certo que os versos da peça tinham certa graça de contraste, mas todas as outras condições de agrado falleceram completamente.

E com o esturro do dito pitéu fechou definitivamente, por este verão, o theatro da Rua dos Condes, que melhor teria feito se não abrisse.

Logo mais acima o seu inimigo natural, o Avenida, lhe jurou guerra, levando á scena tambem um original: *O Coração do Diabo*, magica de Luiz Aquino e Eduardo Victorino, com uma companhia tão boa que parece de inverno, fixa, e não de estio, transitoria.

O estado maior compõe-se de artistas da Trindade: Queiroz, Santinhos, Gomes, Amelia Barros, Delphina Victor, etc. De reforço, entre outros, Carmen Cardoso, que esteve uns poucos de annos afastada do theatro, a emmagrecer, reapparecendo-nos agora reduzida na espessura, mas felizmente não reduzida na voz. O portuguez é que ella continua a pronunciar mal que é um louvar a Deus.

O Coração do Diabo é como todas as magicas: anjo bom e anjo mau; o talisman do costume, que n'esta é o coração, como n'outras é o figado, o bofe, ou qualquer outras miudezas; reis e escudeiros; princeza perseguida, etc.

Agradou ao publico da segunda recita, porque o da primeira só viu dois actos. Ao levantar o panno para o terceiro, as luzes apagaram-se, por avaria nos apparelhos electricos, que só de madrugada se declararam aptos para restabelecer a corrente interrompida, mas a essa hora já os espectadores estavam fartos de dormir, em suas casas. Mas voltaram no dia seguinte, e no outro, e no outro, de maneira que *O Coração do Diabo* tem feito carreira e promette continuar.

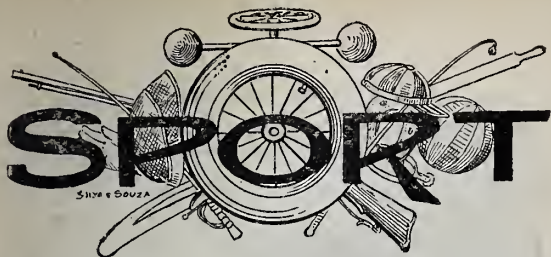
A Trindade está fazendo chorar as pedras. Primeiro deu-nos *Os fidalgos da casa mourisca,* drama de effeito na época em que Carlos Borges o escreveu, extrahindo-o do conhecido romance de Julio Diniz, mas que hoje, e muito principalmente em revistas de verão, convida delicadamente o publico a ir passar o tempo para outro sitio onde se chore menos. Tristezas não pagam dividas e dividas tem-as quasi toda a gente.

Como, entretanto, nem todo o publico estaria disposto a acceitar o convite, Ferreira da Silva, Affonso Taveira, Joaquim Costa, Maia, Telmo, Theodoro Santos, Conde, Adelina Abranches e Thereza Taveira, uniram-se com o firme proposito de afugentar de vez a concorrencia, resultando da conspiração um *Sargento-mór de Villar* que é de uma pessoa estar com o coração aos pulos durante cinco horas, pois tantas são as que a peça leva a representar.

Tambem foi applaudido na sua infancia, este *Sargento;* mas hoje, passados 28 annos, é de mau gosto ir buscar o pobre reformado, que bem ganhou o socego na Runa dos theatros, que são os archivos.

Dir-nos-hão que o drama tem a sua actualidade, lembrando aqui e alli a noite de 18 do mez passado, no Rocio. Isso, porém, é apenas um desabafo opposicionista, com pretenções a chiste, que não salva a obra de Augusto Garraio.

A opera, no Coliseu dos Recreios, não eclipsou o exito da operetta, como era bem de prever: artistas de musica ligeira não pódem arcar com grandes responsabilidades lyricas. A empreza juntou-lhes o te-

nor Malferrari e a nossa conhecida Alda Gonzaga, conseguindo assim um equilibrio que tem impedido o naufragio total. A *Somnambula* ouviu-se sem desprazer, e a *Bohemia*, com a substituição que se annuncia, é possivel que faça esquecer o desagrado da primeira audição d'esta opera.

O «Grand Prix» do Automovel Club de França

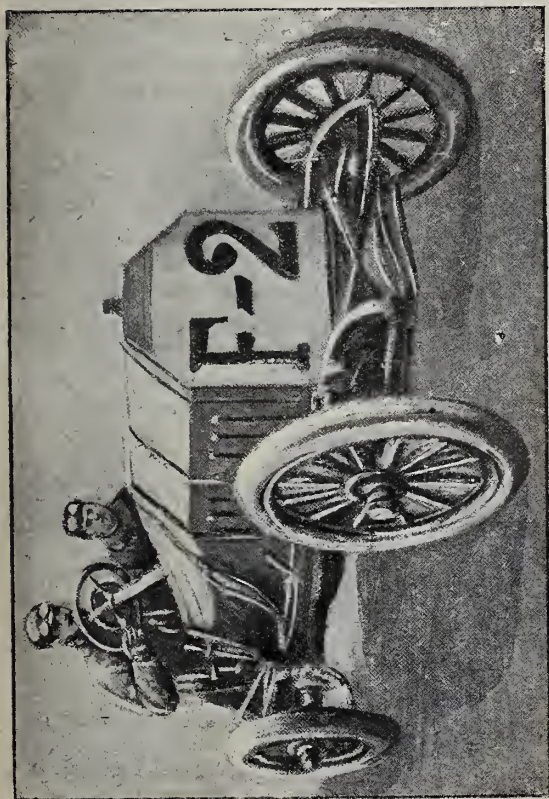
A victoria do italiano Nazzaro n'essa prova sportiva representa um golpe profundo vibrado na industria franceza.

O Automovel Club de França realisou ha dias a mais importante das suas provas annuaes, o *Grand Prix*, que pretende substituir de algum modo a *Cup* Gordon Bennett, que os francezes receiaram viesse um dia a servir apenas os interesses da industria estrangeira, em detrimento absoluto da industria nacional. Effectivamente, apesar das extraordinarias victorias de Thery, toda a gente, em França, teve, por momentos a impressão de que n'um periodo muito breve, a industria italiana conquistaria com os seus Fiat ou os seus Itala o primeiro plano e então decidiu-se acabar com a *Cup* sob um pretexto, não diremos infantil, mas de fraca importancia.

Afinal, este anno, os resultados do *Grand Prix* foram desastrosos — desastrosos é bem o termo — para a industria franceza, que annualmente attrahe do

estrangeiro, só pelo que respeita ao automobilismo, mais de 130 milhões de francos. A prova era disputada no chamado circuito do Sena Inferior (Dieppe-Londinieres-Eu) que mede exactamente 77 kilome-

NAZZARO, 1.º classificado no «Grand Prix» do Automovel Club de França

tros. Os concorrentes, que deviam partir com intervallos d'um minuto, eram obrigados a atravessar dez vezes esse circuito, ou seja um total de 770 kilometros. Além d'isso, só se lhes consentia que levassem, para todo o percurso, 231 litros de gazolina, isto é, 30 litros por cada 100 kilometros. Na inscripção dos concorrentes contava-se 24 carros francezes e 14 estrangeiros, isto é, 38 carros na proporção de dois automoveis de construcção franceza para um de construcção estrangeira.

O *Carro Fiat* em que Nazzaro ganhou a corrida

Durante horas, isto é, quasi até o fim da prova, suppôz-se que seria Duray o vencedor. Os francezes já exultavam com esse triumpho excepcional da sua industria, quando de repente Duray, por causa d'uma *panne* estupida, foi forçado a abandonar a corrida, tornando Nazzaro a occupar a posição primacial. E' incalculavel o desespero que esse acontecimento inesperado provocou. A victoria d'uma marca italiana n'essas condições e d'uma marca que pelas mãos do mesmo *chauffeur* já havia ganho anteriormente, em concorrencia com francezes, a Targa Florio e a *Cup* do Imperador da Allemanha, devia indubitavelmente vibrar um golpe profundo na industria que os seus mais importantes antagonistas representavam. E vibrou-o! A França, para refazer-se do desastre que a conquista dos 2.º e 3.º logares do *Grand Prix* não consegue attenuar, já pensa, n'este momento, em resuscitar a *Cup* Gordon Bennett.

SISZ, o 2.º classificado

*

Nazzaro fez os 770 kilometros do percurso do Sena Inferior em 6 horas, 46 minutos e 33 segundos. Média á hora, 113 kilo-

metros e 600 metros. Antigo *record* n'esse mesmo circuito, 105 kilometros e 900. A seguir apparece Sisz em Renault, com 6 horas, 53 minutos, 10 segundos e 3/5; média á hora, 111 kilometros e 850. Depois Baras em Brasier, Gabriel em Dietrich, etc.

BARAS, o 3.º classificado

De todas as marcas francezas que disputaram a prova, só a Brasier conseguiu que os seus tres carros inscriptos apparecessem na classificação final. Pelo que diz respeito ao consumo da gazolina, dos 231 litros concedidos a cada concorrente, Nazzaro tinha apenas 11 e tanto quando acabou a corrida, Sisz, uns 30 e Baras, quasi 39.

A substituição do alcool á gazolina

O grande constructor francez marquez de Dion apresenta no «Matin» uma ideia para remediar a crise do Meio-Dia.

Ninguem ignora que a agricultura franceza, especialmente a do Meio-Dia, atravessa uma crise lamentavel, crise em muitos pontos semelhante á situação

vinicola do sul de Portugal. Para ella tem-se apresentado diversas idéas salvadoras, como por exemplo, o augmento dos direitos nos assucares, a *regie* do alcool, etc. De todas, porém, a mais importante é, sem duvida, a do marquez de Dion, o grande constructor automobilista, que acaba de a expôr n'um artigo do *Matin*. Diz elle o seguinte:

«A industria dos automoveis, que de ha dez annos a esta parte tem dado um tão grande impulso á mechanica, salvou da miseria e da falta de trabalho milhares de operarios. Tem attrahido a França quantias consideraveis. Ha de certamente dar remedio ao angustioso problema. E assim como faz prosperar as industrias das cidades, assim tambem enriquecerá os trabalhadores dos campos. A quantidade de gazolina actualmente consumida em 40.000 automoveis, eleva-se, em média, a 2 milhões de hectolitros. Essa gazolina recebemol-a do estrangeiro. A solução do problema consiste exactamente em substituil-a por um producto nacional: o alcool.»

O marquez de Dion accrescenta ainda que a idéa não é nova. Procede da Allemanha, onde a estudam ha dez annos, conscienciosamente. No *Grand Prix* do Automovel Club de França, a que acima nos referimos, chegou a estar inscripto um carro com motor a alcool. Mas não disputou a prova, de modo que se não chegou a verificar d'uma maneira prática e para grandes distancias a vantagem ou as boas qualidades do novo carburente.

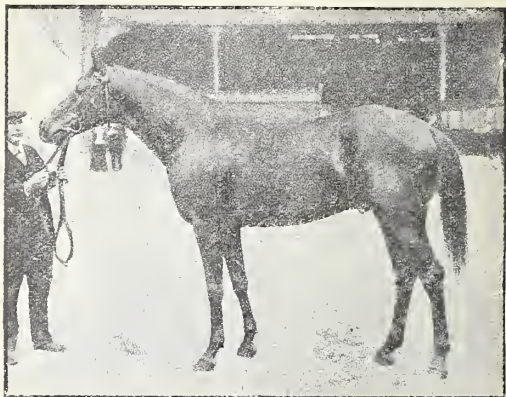
Os reproductores em França

No 3.º concurso central de Paris — A fraca representação dos «pur sang» inglezes

Realisou-se ha dias, em Paris, na Galeria das Machinas, o 3.º concurso annual de cavallos reprodu-

BAGDAD, 1.º premio dos reproductores *pur sang arabes* no 3.º concurso central de Paris

ctores. Na opinião das revistas da especialidade a secção mais pobre d'esse certamen era, sem duvida, a dos *pur sang* inglezes, que se faziam representar apenas por quatro animaes de valor. Os *pur sang* arabes, esses constituiam um grupo esplendido de 14 reproductores em que se salientava fortemente o primeiro premio — *Bagdad*, cavallo alazão de 3 annos e 1 metro e 56, pertencente ao sr. de Fournas. Dos

pur sang anglo-arabes, tambem largamente representados, alcançou o primeiro premio o cavallo *Persan*,

PERSAN, 1.º premio dos reproductores
pur sang anglo-arabes

alazão de 3 annos e 1 metro e 58, pertencente ao sr. Joseph Sempe.

O «raid» da «Illustração Portugueza»

Está marcada para o proximo setembro esta prova do hippismo nacional, que, pela extensão e duração excede, e bastante, tudo quanto se tem feito, lá fóra, no mesmo genero. Parece até que é esse o unico defeito a apontar na organisação da prova — aliás de verdadeira utilidade para o apuramento, entre nós, das raças cavallares.

O percurso provavel do *raid* é o seguinte: Lisboa (ponto de partida), Torres Vedras, Caldas da Rainha, Leiria, Figueira da Foz, Coimbra, Aveiro, Porto, Penafiel, Villa Real, Regoa, Lamego, Vizeu, Guarda, Covilhã, Castello Branco, Portalegre, Alter do Chão, Elvas, Villa Viçosa, Estremoz, Evora, Vendas Novas, Coruche, Almeirim, Chamusca, Abrantes, Torres Novas, Gollegã, Cardiga, Santarem, Castanheira e Lisboa (ponto de chegada).

Premios: além dos de Sua Magestade El-Rei e do sr. ministro da guerra, ha o d'um conto de réis, em dinheiro, dado pela *Illustração Portugueza* e o d'um cavallo *pur sang* inglez, offerecido pelo sr. conde de Fontalva.

O concurso hippico da Tapada

No ultimo numero do *Cosmos* promettemos dar a lista completa dos classificados no recente concurso hippico da Tapada da Ajuda. Essa lista, porém, é muito extensa e limitamo-nos, por isso, apenas aos resultados do que se nos affigura mais importante: o campeonato do salto em altura, que foi ganho pelo alferes sr. Jara de Carvalho, com $1^{m},60$ e o campeonato do salto em largura, $5^{m},60$, ganho pelo sr. Rodrigo de Castro Pereira.

Modas

TORNA-SE sempre difficil a escolha das toilettes para campos e praias, para as senhoras que desejam vestir-se simultaneamente com elegancia e sem grande dispendio. Por outro lado, não póde prescindir-se d'essas toilettes, visto que não deve trajar-se do mesmo modo no campo, nas praias e nas cidades. A temperatura varia em cada um d'estes logares e o bom tom consiste precisamente em saber accomodar a toilette ás exigencias da temperatura. Portanto, o que mais convém é empregar tecidos que pela qualidade e pela côr, conservem a frescura primitiva durante a estação inteira. N'este caso estão, além dos tecidos mixtos de seda e algodão, as *mousselines*, os *linons*, as *batistes*, os *foulards*, os *taffetas* e os *voiles*, com os quaes se pódem confeccionar lindissimos vestidos proprios para visitas, partidas de jardins, jantares familiares, etc. Para as excursões no campo ou no mar, ou ainda para os passeios á beira d'agua devem preferir-se os tecidos flexiveis de lã, os *toiles*, os *picquets* e as indianas *Renaissance*.

O genero *trotteur*, posto que geralmente usado nos campos, não é rigorosamente obrigatorio. A moda dá mesmo preferencia ás saias compridas que, a nosso

ver, se tornam bastante inconvenientes quando haja poeira.

Quasi sempre ha maior preoccupação com os trajes da praia do que com os do campo, pois, vulgarmente, nas praias ha mais opportunidade para exhibição de toilettes.

Os tecidos ligeiros e vaporosos fazem deliciosos vestidos não só para o passeio da tarde á praia como para as reuniões do casino.

O branco é extremamen-

Toilette de campo em voile ás pintas. Tiras de taffetas da mesma côr e vieses estreitos de velludo guarnecendo a saia e o corpo, que é de genero japonez. Mangas e peitilho de renda.

te chic, quer em *linon*, quer em *toile, mousseline ou batiste*.

Para as toilettes *habillées* deve empregar-se o *toile*

flexivel, que se possa plissar, franzir ou tufar como o *linon*. Requere, porém, guarnições vistosas. São bastante praticas as confecções em *toile* de duas qualidades, mas da mesma côr: ligeiro para a saia, que póde ornar-se com *ruches bonne femme*, e mais encorpado para a jaqueta.

Estão muito em moda os chapeus de palha de arroz branco, enfeitados com grandes laços de fita preta. Os panamás levantados á frente são, porém, mais praticos, guarnecendo-se com *echarpes* de *liberty* ou

Elegante vestido para praia, em toile branco. Saia guarnecida com tiras de cluny terminadas por motivos bordados. Na blouse encaixe de guipure d'Irlanda. Chapeu branco em palha de arroz com grandes laçadas de fita.

de *mousseline* de sêda; as *capellines* com *brides* de tulle ou de *mousseline* tornam-se apreciaveis por defenderem muito bem do pó o rosto e o pescoço. Ultimamente teem-se ensaiado o uso dos chapeus grandes e leves em feltro branco ou *gris* claro, mas a experiencia não tem surtido effeito.

As rosas são a flôr da estação. Veem-se em todas as côres imaginaveis e de preferencia as mui-

Toilette de sports em cheviote branca. Saia de 6 pannos, em pregas. Blouse tambem em pregas. Botões amarellos. Cinto de couro vermelho. Gravata vermelha e collarinho de batiste bordada

to grandes, que se collocam separadas ou em grupos de duas ou tres, indistinctamente adeante ou atraz. As grinaldas é que cairam em desuso, prevalecendo sómente as de pequenas rosas. Os *cache-peignes* tambem diminuiram de volume: estão reduzidos a pequenos tufos de tulle destinados apenas a suster o chapeu inclinado para traz.

Era todavia um guerreiro ousado e os portuguezes, afim de evitarem qualquer tentativa da sua parte para rehaver a sua independencia, fomentaram a discordia entre elle e a rainha Zingha, resultando uma guerra em que os portuguezes o auxiliaram e que elle sustentou com felicidade e honra.

Pouco tempo depois d'esta guerra morreu.

Aarlanderveen, povoação da Hollanda meredional, a 16 kilometros de *Leyde*, com 2900 habitantes.

Aarle Rixter, povoação do *Brabante do Norte*, nos Payses Baixos, a 4 kilometros de *Helmond*, com 1600 habitantes. E' um importante mercado de gados.

Aarö, pequena ilha, hoje pertencente á Prussia, situada no *Pequeno Belt* entre a Fionia e a costa occidental do Schlesvig, com 1300 habitantes, separada do continente por um estreito que não tem mais de 1 kilometro.

Aaroby, povoação capital da ilha Aarö.

Aaron, *(Saint)*, povoação franceza do departamento de *Côtes du Nord*, a 24 kilometros de *Saint Brieuc*, com 1000 habitantes.

Aaronico, *adj.*, relativo a Aarão ou á sua dignidade sacerdotal.

Aaronita, *adj.*, descendente do grande sacerdote Aarão. Os aaronitas receberam, na repartição das terras de Chanaan, treze cidades nas tribus de Judá e Benjamin, entre ellas a de Hebron. Os judeus modernos conservam ainda certo respeito pelos descendentes de Aarão aos quaes dão, como distincção, o titulo de sacerdotes.

Aarosund, estreito e povoação da Dinamarca em frente da ilha de Aarö. Na primavera de 1848 deu-se n'este braço de mar um combate entre os navios dinamarquezes e os corpos francos prussianos, na guerra da Prussia e da Austria contra a Dinamarca.

Aarschot ou Aerschot, pequena cidade da Belgica no *Brabante do Sul*, a 16 kilometros de Louvain. Tem 5000 habitantes, um importante commercio de gados e fabrico de cerveja.

Aarschot (*Filippe de Croi*, duque de), nobre brabantino, *stathouder* de Flandres e partidario de Filippe II de Hespanha que representou na Dieta de Francfort, convocada em 1563. Posteriormente alliou-se com os condes de Mansfeld e com os principes de Orange contra o jugo hespanhol, e, por fim, desgostoso com a intolerancia religiosa que dominava no seu paiz, retirou-se para Veneza para morrer tranquillo, segundo elle proprio disse. Falleceu, com effeito, n'essa cidade, no anno de 1595 e no seu filho Carlos, principe de Chimay que morreu sem descendencia, extinguiu-se o seu nome.

Aarseus, *(Franscisco van)* habil diplomata hollandez que nasceu na Haya em 1572 e morreu em 1641. Foi embaixador em França e n'essa qualidade entrou nas negociações que deram em resultado a tregua dos 12 annos entre a Hespanha e as Provincias Unidas.

Partidario acerrimo de Mauricio de Nassau, contribuiu para a perda do illustre Olden — Barneveldt. Deixou memorias interessantissimas.

O grande ministro de Luiz XIII, Richelieu, costumava dizer que só tinha conhecido tres grandes po-